

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

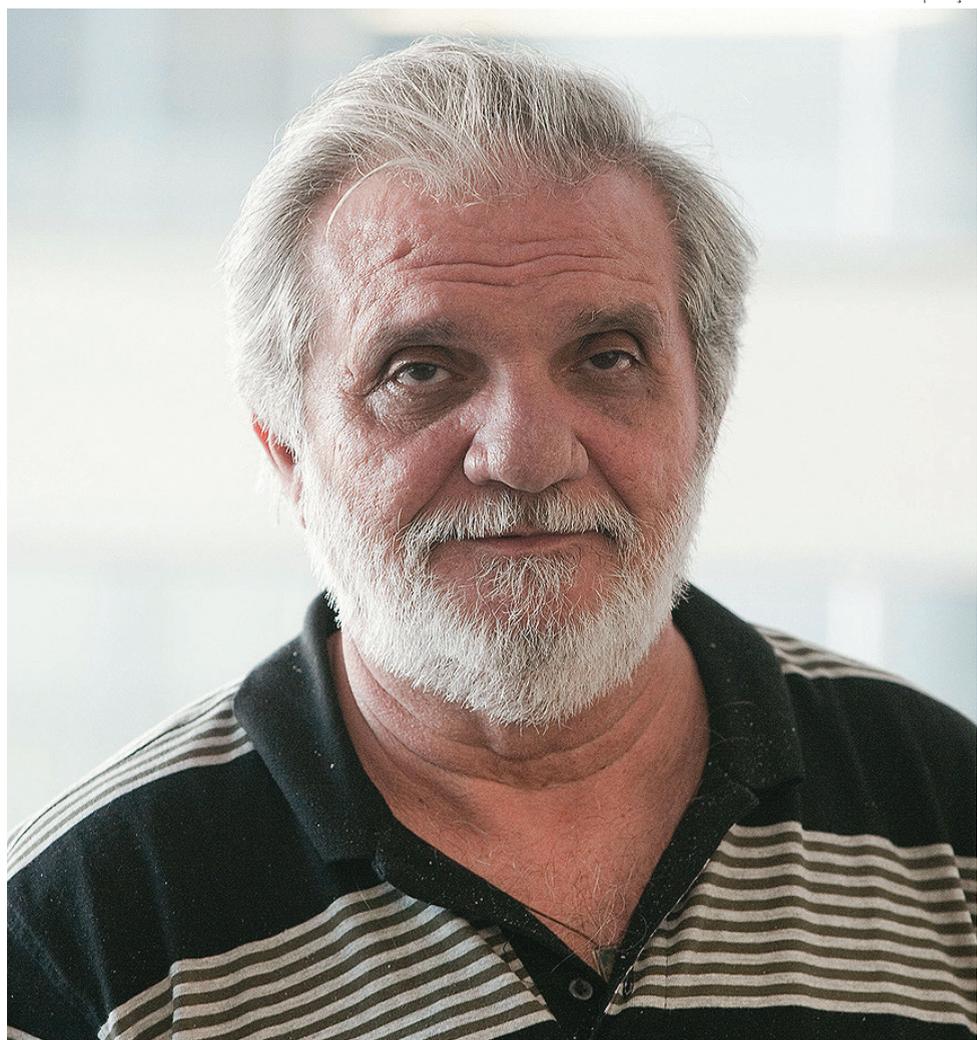
A sombra de Lobato

Acusado de trair a pátria e ser racista, o fundador da literatura infantojuvenil brasileira hoje enfrenta concorrência nas livrarias, mas ainda é uma importante porta de entrada para a leitura





Reprodução



José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) viveu intensamente os seus 66 anos. Fez muito. Foi advogado, fazendeiro, colaborador da imprensa paulista e carioca, tradutor, editor e adido cultural. Mas, principalmente, escreveu livros. O Dia Nacional do Livro Infantil é comemorado em 18 de abril porque a data se refere ao nascimento de Lobato.

Ele criou uma série de personagens, todos presentes no imaginário nacional, como Emília, Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia, Dona Benta, entre outros. Há quatro décadas, sua obra infantil é adaptada para a televisão e, apesar de ser recomendado em escolas, os títulos do autor não estão entre os mais vendidos. Atualmente, os livros do fundador da literatura infantojuvenil brasileira não fazem frente, por exemplo, a

obras publicadas por *youtubers*.

Há alguns anos, um debate discutindo se há ou não racismo na obra de Lobato repercutiu na imprensa brasileira. Na primeira metade do século XX, ele foi acusado de trair a pátria e ser contrário à defesa nacional — não por ter emitido opinião, mas por causa do conteúdo do livro *Peter Pan*, publicada em 1930.

Essas questões aparecem em uma ampla reportagem de 8 páginas. Autores e professores universitários, uma editora e um livreiro foram entrevistados. O debate é plural e tem a finalidade de discutir se a obra infantil de Lobato ainda é lida por crianças e se esse legado é uma porta de entrada, ou não, para a leitura. Há indicações de livros, informações sobre a trajetória de Lobato, um

sujeito que acreditava que inteligência e criatividade poderiam ser molas propulsoras para melhorar as vidas das pessoas, física e intelectualmente falando.

Outro destaque da edição 75 do *Cândido* é a transcrição da participação do escritor José Luiz Passos no projeto “Um Escritor na Biblioteca”, em julho deste ano. O pernambucano radicado nos Estados Unidos, onde leciona literatura brasileira e portuguesa na Universidade da Califórnia (UCLA), falou principalmente sobre o seu romance mais recente, *O marechal de costas* (2016), que trata de uma das figuras mais controversas e enigmáticas da história brasileira: Floriano Peixoto (1839-1895). Passos também comentou o início de sua trajetória de leitor, de escritor e o mercado editorial, entre outras questões.

O *Cândido* de outubro de 2017 ainda traz um texto em que a escritora paranaense Etel Frota conta como foi o processo de pesquisa que resultou em seu primeiro romance, *O herói provisório*, publicado este ano. Há ainda uma reportagem sobre audiolivro. O cantor e compositor Hyldon é o personagem da seção Perfil do Leitor, e, entre os inéditos, há contos de Santiago Nazarian e Edra Moraes, além de um poema de Fernando Naporano, que este mês lança no Brasil a coletânea *A Respiração da Rosa*.

Entre 23 e 28 de outubro, a Biblioteca realiza a sua primeira festa literária, com mais de 20 autores, que participam de bate-papos, palestras ou cursos. Regina Zilberman, Raimundo Carrero (foto), Aline Morena, Rafa Campos, Miguel Sanches Neto, Eloar Guazzelli, Chico Salem e Guido Viaro são alguns dos convidados confirmados. Haverá atrações musicais, exibição de longas-metragens, entre outras atrações. Confira mais informações na página 37. Participe.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:
Kaype Abreu

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação

Design:
Thapcom.com

Colaboradores desta edição:
Edra Moraes, Etel Frota, Fernando Naporano, Guilherme Pupo, Higor Oratz, Marcello Quintanilha, Marciel Conrado, Mhel Adonis, Osny Tavares, Santiago Nazarian e Walther Toms.

Redação:
jornalcandido@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o *Cândido* pela internet:
candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

MINHA IDEIA DE DIVERSÃO

Will Self, Geração Editorial, 2002

Num tedioso jantar, uma mulher pergunta a Ian Wharton qual é a sua ideia de diversão. A partir dessa questão, Ian, protagonista deste romance, rememora acontecimentos marcantes desde que, ainda criança, descobriu possuir uma potente memória fotográfica e conheceu um excêntrico homem que seria seu mentor, O Controlador Gordo. Neste que é seu primeiro romance, o escritor inglês Will Self constrói um submundo atormentador, sem medir palavras para descrever situações horrendas e conduzir Ian por uma jornada de descoberta de si mesmo, mostrando sua ideia de diversão — decaptar mendigos, estraçalhar cachorros e assim por diante.



A JANELA DOS VENTOS

Jandira Zanchi, Singularidade, 2017

Este livro inaugura o selo Singularidade, novo projeto de Jandira Zanchi. A autora paranaense, agora também editora, dá continuidade à proposta poética já revelada em obras como *Gume de gueixa* (2013). No poema “Aleluias”, a voz poética escreve o seguinte:



“é quase um canto no canteiro do deus/ é quase um beijo na fronteira do eu./ um espasmo entre o centro e o limite/ em que confio a hóstia derramada/ por entre Anjos/ uns celestes cânticos de vírgulas e crases.” Já em “Aguadas”, outro destaque de *A janela dos ventos*, há o seguinte texto poético: “todas as tardes/ verdes/ que percorri/ em léguas/ aguadas/ por entre/ o pó e o infinito/ guardam-me/ ainda.”

AQUELA MÚSICA

Luís Pimentel, Myrrha, 2016

Uma das vozes mais instigantes do conto brasileiro é a de Luís Pimentel. Em *Aquela música*, ele confirma a sua capacidade narrativa, já evidenciada em outras obras. O autor demonstra domínio da arte do conto em “Trilha sonora”, “Quem que eu era?” e “Compositor inédito”. No entanto, um dos momentos de excelência da coletânea é “A música”, que problematiza como um resultado pode ser comemorado ou lamentado, dependendo do ponto de vista. Os contos dialogam com canções e às vezes incorporam trechos de letras de músicas, mas, independentemente desta questão, todas as narrativas se destacam pelas estruturas bem resolvidas, com seus desfechos surpreendentes.



HERZOG

Saul Bellow, Companhia das Letras, 2011

Moses Herzog é um intelectual de meia-idade, judeu, americano, abalado por múltiplas neuroses e imerso em uma crise existencial crônica. A descrição poderia ser do personagem-esteta criado por Woody Allen, mas trata-se de uma das melhores criações do romancista Saul Bellow. “Se estou fora do meu juízo, melhor para mim”, diz Moses na primeira linha do livro publicado originalmente em 1961. Com uma linguagem refinada, mas que não respeita o fluxo natural do tempo, a prosa de Bellow acompanha os pensamentos oscilantes do personagem. A publicação de *Herzog* consolidou seu autor como um dos mais brilhantes escritores americanos.



CURTAS DA BPP

Cândido em discussão

A experiência do jornal *Cândido*, editado pela Biblioteca Pública do Paraná desde agosto de 2011, será apresentada em dois eventos que discutem o papel das bibliotecas no momento atual. Durante a programação do XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia de Documentação, em Fortaleza (CE), entre 17 e 20 de outubro, o diretor da BPP, Rogério Pereira, e o editor do *Cândido*, Luiz Rebinski, falam sobre a trajetória do único jornal literário mensal produzido por uma biblioteca pública no Brasil. No mesmo evento, as bibliotecárias Vilma Gural Nascimento e Lidiamara Gross apresentam um painel sobre o projeto “Uma Noite na Biblioteca”, em que crianças passam a noite de sábado para domingo na Biblioteca participando de uma série de atividades relacionadas ao universo da leitura. O projeto acontece duas vezes ao ano e reúne em cada edição cerca de 50 crianças entre 7 e 10 anos. O *Cândido* também será apresentado no 10º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias, em São Paulo, entre 23 e 25 de outubro.

Um Escritor na Biblioteca

Em outubro, a escritora e jornalista Marina Colasanti participa do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O encontro acontece no dia 10, às 19h30, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná. O bate-papo será mediado pelo escritor Miguel Sanches Neto. A entrada é gratuita.



Marina Colasanti nasceu em Asmara, capital do país africano Eritreia, em 1937, e está radicada no Brasil desde 1948. É uma das escritoras mais consagradas do país. Entre outros prêmios, ganhou oito vezes o Jabuti em diferentes categorias — poesia, contos, infantil e juvenil. Tem mais de 50 livros publicados no Brasil e no exterior, entre eles o infantil *Breve história de um pequeno amor* (2013), a coletânea de poemas *Passageira em trânsito* (2009), a reunião de contos *Eu sei, mas não devia* (1996), o biográfico *Minha guerra alheia* (2010) e o ensaístico *Fragatas para terras distantes* (2004). Este ano Colasanti venceu o Prêmio Ibero-Americano SM de Literatura Infantil e Juvenil, pelo conjunto da obra.

José Luiz Passos

DA REDAÇÃO

Mesmo vivendo há mais de duas décadas nos Estados Unidos, o escritor José Luiz Passos mantém o foco no Brasil. Seu mais recente livro, o romance *O marechal de costas* (2016), trata de uma das figuras mais controversas e enigmáticas da história brasileira: Floriano Peixoto (1839-1895), homem taciturno que de modo fortuito se tornou a figura mais importante da política nacional nos primeiros anos da República. Esse foi um dos assuntos comentados por Passos na edição de julho do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O papo teve a mediação do jornalista e cronista Luís Henrique Pellanda.

O marechal de costas nasceu de um conto que o autor pernambucano escreveu a pedido da revista *Granta*. Na história, Floriano Peixoto aparecia como um personagem secundário. Por sugestão de seu editor, Passos decidiu investir em Floriano como protagonista de uma longa narrativa. Ao se debruçar sobre o período em que o livro se passaria, encontrou paralelos com o momento político atual do Brasil, o que tornou *O marechal de costas* um romance histórico com diálogo direto com o presente.

Outra motivação para escrever o livro, segundo o autor, foi o fato de a literatura brasileira ter produzido poucas obras sobre figuras centrais da nossa política. “Na tradição literária hispano-americana há uma quantidade considerável de obras sobre ditadores, políticos, etc. E nós não temos esses livros. Onde está o nosso grande romance sobre Juscelino Kubitschek ou sobre Getúlio Vargas? Poderíamos ter um grande romance 'macunaímico' sobre os generais da ditadura, por exemplo.”

Nascido em Catende (PE), em 1971, José Luiz Passos atua como professor titular de literatura brasileira e portuguesa na Universidade da Califórnia (UCLA). Formado em Sociologia, aos poucos migrou para a área de Letras. Diferentemente de muitos autores, não encontrou dificuldades para publicar seu primeiro livro, *Nosso grão mais fino* (2009), que ganhou acolhida na editora Alfaguara, que continua publicando seus livros.

Com o segundo romance, *O sonâmbulo amador* (2012), foi vencedor do Prêmio Portugal Telecom de 2013 (atual Prêmio Oceanos) e ganhou destaque no circuito literário nacional. Este ano, além de *O marechal de costas*, o escritor publicou *A órbita de King Kong*, que em 15 capítulos conta a história do macaco Ham, um chipanzé de cinco anos e 17 quilos que em 1961 embarcou em uma cápsula espacial da Nasa. O livro foi feito em edição limitada de 100 exemplares, numerados e assinados pelo autor.

Durante o bate-papo na Biblioteca, Passos ainda relembrou o início da carreira e falou também sobre outros temas instigantes, como a democracia brasileira e a recepção de autores nacionais no mercado editorial americano.

O jornalista e cronista Luís Henrique Pellanda conduziu o bate-papo com José Luiz Passos.



Formação

Tenho uma tia que foi professora do ensino fundamental, do sistema municipal do Recife. O primeiro livro que eu me lembro de ter recebido de presente, foi dela, uma tradução resumida que Monteiro Lobato fez de *Robinson Crusoe*. Lembro vivamente desse presente. Estudei em uma escola católica, de freiras belgas, então lá havia uma biblioteca, que na verdade era um espaço proibido aos alunos, nós não podíamos usar a bibliote-

ca. Era um lugar para eventos, então os livros tinham uma certa aura de mistério e proibição. O meu pai gostava de livros, nós tínhamos uma biblioteca relativamente boa, que eu acabei herdando. Inclusive alguns livros eu ainda uso para preparar minhas aulas, outros permanecem como parte da minha leitura regular: as coleções de Graciliano Ramos e Machado de Assis, por exemplo.

Família

Meu pai era administrador de

empresas e minha mãe trabalhou como cozinheira, chefe de cozinha e gerente de alimentos e bebidas de um grande *buffet* lá no Recife. Não eram leitores particularmente assíduos, mas gostavam de livros, de cinema e de arte de modo geral. E acho que foi isso que me levou a buscar a carreira acadêmica. Meu avô era químico. Esse sim gostava muito de ler, me presenteava com livros e tinha uma boa biblioteca, mas era um acervo predominantemente técnico: de história da ciência, história

da cultura, além de muitas obras sobre química. Ele era um químico de açúcar, na usina onde eu nasci.

Primeiras experiências

A minha primeira experiência propriamente dita com biblioteca foi quando precisei escrever um trabalho escolar sobre *São Bernardo*, o romance de Graciliano Ramos. Procurei a biblioteca pública mais próxima da minha casa, que ficava em um bairro chama-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

do Casa Amarela, um lugar onde morava a classe trabalhadora. Lá eu retirei e li o livro para escrever o trabalho. Ao longo da vida, então, cultivei uma relação muito próxima com as bibliotecas, eu amo bibliotecas, frequento muito. Não há como fazer pesquisa senão dentro das bibliotecas. Fiz muita pesquisa na época em que estudava Sociologia e Letras, na Fundação Casa de Rui Barbosa, na Biblioteca Nacional e, depois, em bibliotecas americanas, quando fiz doutorado. Ainda hoje passo muito tempo em bibliotecas.

Migrando

No curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) passei a trabalhar mais e mais com sociologia da arte e, na sequência, com sociologia da literatura, especificamente. Acho que no Brasil há uma tradição relativamente forte de extração ou inspiração “uspiana”. Uma linha seguida por acadêmicos como Antonio Candido e Roberto Schwarz, que se volta predominante para uma leitura mais sociológica do texto. Ou pelo menos inicialmente sociológica. Foi então em sociologia que eu passei a escrever textos sobre literatura, a questão do regionalismo, o regionalismo versus modernismo, que é um tema eterno em Pernambuco. Depois passei a autores específicos: Mário de Andrade, que foi tema da minha tese de mestrado, Graciliano Ramos, que sempre releio, além da poesia dos poetas do Recife, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardoso, Carlos Pena Filho, Manuel Bandeira. Temas e autores lidos com frequência, mesmo no curso de sociologia. E aí eu me dei conta de que, na verdade, não me interessava essa parte quantitativa da sociologia, e mais e mais fui migrando para as Letras.

Unicamp

Quando surgiu a oportunidade

“Leio mais poesia do que prosa hoje em dia. Adoro e invejo os poetas.”



de fazer mestrado na Unicamp, entrei num curso que acabava de ser criado lá e que de certo modo mudou a minha vida. Era um curso simultaneamente oferecido pelos programas de Letras e Sociologia. Ele era ensinado por dois professores: Marisa Lajolo, representando Letras, e Octavio Ianni, da Sociologia. Aí me dei conta de que eu queria fazer era ler e estudar literatura — e falar sobre literatura.

Nosso grão

Eu vinha há muitos anos escrevendo um romance, o meu primeiro, *Nosso grão mais fino*, que é mais lírico, de prosa poética. É um romance também que volta um pouco às minhas

origens na cana de açúcar, digamos assim, pois, como disse, nasci na usina de açúcar na qual o meu avô era químico. Concluí o romance após quase 10 anos escrevendo. Mostrava a algumas pessoas, mas não tinha coragem de bater à porta de um editor de literatura, de uma grande casa. Mas algumas pessoas começaram a me dizer que jovens editores estavam procurando novas vozes e tal. A sugestão veio da parte do Samuel Titan Jr., professor da USP, que também trabalha no Instituto Moreira Salles. Ele me disse que conhecia o Marcelo Ferroni, da Alfabeta. Então eu escrevi um e-mail para ele, descrevendo o romance em um parágrafo, e dizendo que Samuel tinha me passado

o contato dele. A Alfabeta era muito recente na época, e eles estavam querendo montar um catálogo. Marcelo respondeu muito rapidamente, acho que no outro dia, dizendo: “Gostei da história, mande-me o original por e-mail”. Ele leu e um mês depois respondeu dizendo que achara o livro forte. “É um livro que a gente sabe que não vai vender, mas eu gostei”, disse.

Dois livros

Nessa época eu tinha começado a escrever *O sonâmbulo amador*, então contei a história do romance para o editor e mandei os primeiros sonhos de Jurandir, personagem do livro. E aí eles gostaram e fizeram um contrato

para dois romances — Nosso grão e O sonâmbulo. Assim comecei essa relação com o Marcelo, que tem sido muito produtiva. Eu realmente tenho muito a agradecer, devo muito a ele pela atenção que me deu. Mas é fundamental ter um editor? Eu não sei. É difícil. No meu caso, não bati em muitas portas. Não fui às grandes editoras imediatamente, o livro não foi rejeitado por várias casas. Meu primeiro livro foi rejeitado pela Editora 34, por onde sempre quis publicar, pois achava os livros bonitos, admirava os autores e tal. Mas realmente o livro não cabia no selo. Não era o tipo de livro que coubesse lá.

Pesquisas

Sempre que visito o Brasil, vou aos sebos e livrarias. Às vezes passo dias pesquisando em sebos, buscando coisas que não têm nenhuma relação aparente com o que eu estou fazendo ou escrevendo. Numa dessas visitas, encontrei uma plaquete publicada no final do século XIX chamada *A execução de Silvino de Macedo*. A plaquete havia sido escrita por um advogado que tentava esclarecer a execução de um marinheiro pernambucano durante a Revolta da Armada (1893-1894), no Rio de Janeiro, que se opôs à permanência de Floriano Peixoto (1839-1895) na presidência quando a república é proclamada por Deodoro da Fonseca (1827-1892).

Marechal de costas

A leitura desse panfleto, sobre a execução ilegal do marinheiro Silvino de Macedo, me instigou a querer escrever o romance *O marechal de costas*. Tive a sorte de receber na mesma época um convite do meu editor, Marcelo Ferroni, para elaborar um conto para a revista *Granta*, que é temática. O tema da vez era “traição”. Aí eu disse a ele que gostaria de escrever sobre traição política, não sobre traição conjugal. Ele concordou e eu fiz um conto chamado “Mari-



“ Monto meus textos num verdadeiro diálogo com outras obras.”

nheiro só”, que é o que acontece com o marinheiro pernambucano do panfleto durante a Revolta da Armada. No conto, Floriano Peixoto aparece como um personagem secundário, sempre muito calado. Ferroni então achou que uma história maior poderia surgir a partir da figura de um presidente que cai de paracaedas na presidência, não quer sair, é caladão e que todo mundo precisa fazer um esforço grande para interpretar. Comecei a me dar conta de várias coisas e fiz um paralelo entre a Primeira República e a crise do governo Dilma. Além disso, refleti sobre o fato de que na tradição literária hispano-americana há uma quantidade considerável de obras sobre ditadores, políticos, etc. E

nós não temos essas obras. Onde está o nosso grande romance sobre Juscelino Kubitschek ou sobre Getúlio Vargas? Nós poderíamos ter um grande romance “macunaímico” sobre os generais da ditadura. Mas por que não escrevemos sobre essas figuras? Foi então que comecei a pensar na possibilidade de escrever de fato uma novela sobre a vida íntima e a ascensão política meteórica de Floriano Peixoto.

Deodoro e Floriano

Deodoro da Fonseca era uma figura pública relativamente impopular, sem nenhum talento, canhestro do ponto de vista político. Deodoro e Floriano haviam voltado como heróis da Guer-

ra do Paraguai (1864-1870). Na eleição para presidente, para substituir o governo provisório, Deodoro concorre na chapa oposta a de Floriano. Depois da contagem de votos, a chapa de Deodoro foi eleita, mas com o vice da chapa oposta, Floriano, que havia recebido mais votos que o próprio Deodoro. Então, digamos que é um pouco esquisito nosso primeiro pleito republicano. Porque você tem um presidente da república relativamente impopular com um vice que recebeu mais votos e era mais conhecido.

Discursos

O marechal de costas já tinha, dentro dele, pedaços de discursos de Flo-



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

riano Peixoto, de Napoleão Bonaparte (1769-1821) e de Dom Pedro II (1825-1891). Quando o livro estava prestes a entrar na segunda revisão, ou seja, a última antes de ir para a gráfica, a ex-presidente Dilma fez seu discurso no Senado. Fiquei muito emocionado. Percebi que precisava usar trechos desse discurso como modo de fechar a parte narrada por uma personagem, que é cozinheira e assiste, ouve, escuta esses discursos no rádio e na televisão. Então o que você realmente se lê não é exatamente Dilma falando, mas o que a cozinheira escuta, pensa, fala, reproduzindo aquilo que ouve. Escrevi para o editor dizendo que gostaria de incluir partes do discurso. Ele concordou, mas deu poucas horas para preparar o material. Encontrei a transcrição na internet, que saiu quase imediatamente após a fala de Dilma, li, reli, imprimir e comecei a fazer cortes, emendas. Parti o último capítulo ao meio, inseri essa parte, depois reli, fiz as emendas e mandei para o editor. Ele leu e gostou.

Contra o panfleto

Uma grande preocupação que tive quando escrevi *O marechal de costas* foi tentar ao máximo possível não escrever um panfleto. Ou, pelo menos, não fazer nem um elogio, nem uma acusação a Floriano Peixoto e a Dilma Rousseff. A ideia foi montar por meio dessas duas linhas narrativas uma tensão que permita ao leitor entrar nessa arena e perceber paralelos e ecos — e tirar as suas conclusões. Em certos momentos, no livro, sou simpático a Floriano, e em outros mostro um lado violento, tacanho dele. O mesmo se dá com Dilma. Muitas vezes ela aparece em discursos muito desarticulados. Já em outros momentos, há uma perspectiva extremamente aguçada, extremamente pertinente. Os discursos de Dilma e de todas outras figuras públicas, foram tirados de fontes fidedignas. Em relação a Dilma, trans-

“ A literatura brasileira é relativamente invisível nos Estados Unidos.”

crevi os discursos disponíveis no site da Presidência da República. Ou seja, ela de fato falou tudo que está no livro. E, nas transcrições, como eu não uso aspas nem travessões, editei para fazer com que meus personagens também digam suas falas ou se permitam imaginar que ouviram coisas dessas pessoas.

Democracia brasileira

Vivo fora do Brasil há 22 anos. Uma coisa que noto aqui — e não sou o primeiro a perceber isso —, é que a esfera pública — e portanto a democracia deveria ser o modo como essa esfera pública opera —, permanece ainda refém de demandas particulares, de clãs familiares, de empresas. Exemplo disso foi a maneira como os deputados dedicavam seus votos na sessão do plenário que decidiu sobre a abertura do processo de impeachment contra Dilma. Ali fica claro essa confluência, ou pelo menos essa confusão, entre as esferas pública e política, em que há uma privatização de um espaço de debates que deveria ser público, em que todos deveriam compartilhar suas ideias. Mas não sei se isso é um estilo brasileiro, ou se é uma herança específica de certa maneira de organização política que vem de um legado colonial.

A influência da poesia

Acho que eu leio mais poesia do que prosa hoje em dia. Adoro e invejo os poetas. Só consigo escrever um livro se

tiver um título que eu ache relativamente final e pronto, além de uma epígrafe que, de alguma maneira, sintetize o espírito do livro. E todas as minhas epígrafes são de poetas, sem nenhuma exceção. Em *O sonâmbulo amador* a frase é do João Cabral de Melo Neto, *O Marechal de costas* traz o Drummond, e *A órbita de King Kong* abre com um poema lindo da Cecília Meireles, chamado “O aeronauta”.

Diálogo com outras obras

Monto meus textos num verdadeiro diálogo com outras obras. Em *O sonâmbulo amador* inseri uma tradução minha de *Otelo*, de Shakespeare. Faço com que meu personagem assista a um filme, que seria uma adaptação cinematográfica da peça, e coloco esse discurso na boca dele, não em verso, inclusive não me referindo a *Otelo* especificamente.

Relação com editores

Tive sorte com meus editores, particularmente com Marcelo Ferroni. Faz uma diferença imensa ter um editor no qual você confia, que lê as suas coisas, que lê o que você escreve com atenção, que responde na hora, que tem interesse em melhorar o texto. Realmente isso é uma bênção. Publiquei praticamente todos os meus livros pela Alfaguara mas, recentemente, trabalhei com outros dois editores também excelentes: Bruno Zeni, que editou *A órbita de King Kong* [em edição fora de comércio, de 100 exemplares, numerados e assinados], e Schneider Carpeggiani, que é o editor do *Suplemento Pernambuco*, e vai publicar um livro chamado *Antologia fantástica da república brasileira*.

Literatura brasileira nos EUA

Acho que a literatura brasileira é relativamente invisível nos Estados Unidos. Você não entra em uma livraria americana e encontra livros de vá-

rios autores brasileiros. Isso se dá por vários motivos. Principalmente porque apenas 3% dos livros publicados lá são traduções ou escritos em outra língua. Ao contrário do Brasil, em que 65% do nosso movimento editorial, das vendas, são de livros escritos em outras línguas. Então, por incrível que pareça, o mercado americano é o mais dinâmico, o mais rico, o maior do mundo e o mais provinciano de todos. Diante disso, para o autor brasileiro contemporâneo encontrar um lugar na prateleira de uma livraria americana, ele tem que competir com todas as outras línguas, todos os outros autores contemporâ-



neos e não-contemporâneos, em literatura de ficção e livros paradidáticos. É muito difícil encontrar esse espaço. Há exceções: a bolha universitária, por exemplo. Nas universidades, é claro, nos cursos de Letras, nós consumimos literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura argentina no original. As traduções que chegam também são vistas nos cursos ensinados em inglês.

Clarice

O fenômeno mais recente foi essa atenção a Clarice Lispector, por causa da publicação de várias retraduições e também novas traduções de

obras diferentes da autora, que culminaram em um projeto dirigido por Benjamin Moser. A partir desse trabalho foi publicada a edição de *Todos os contos*, que reúne toda produção de histórias breves da autora. Um livro que não existia em português (a compilação), e que saiu publicado pela New Directions — aliás, traduzido por uma ex-aluna minha, a Katrina Dodson. Isso gera, digamos, uma bolha de consumo muito específico.

Machado esquecido

Mas outros autores não têm essa repercussão. Mesmo clássicos,

como Machado de Assis. Todos os romances de Machado foram traduzidos para o inglês, mas estão em sua maioria esgotados, são difíceis de serem encontrados. É muito raro você encontrar um livro de Machado de Assis em uma livraria americana. Em alguns sebos de cidades universitárias, você encontra as traduções da década de 1960 e algumas mais recentes.

Contemporâneos

Alguns autores importantes foram traduzidos recentemente. Sempre há autores contemporâneos traduzidos, mas a circulação é mínima. Uma vez a

cada ano, ensino um curso exclusivamente voltado para a literatura brasileira contemporânea, especificamente a narrativa que é, digamos, mais a minha praia, na área propriamente acadêmica. Eu adoto esses livros, quando ensino em inglês. Usei, por exemplo, o livro do Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue*, que saiu lindamente traduzido por Alison Entrekin. Mais recentemente, *Diário da queda*, do Michel Laub, também saiu lá, editado tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Mas, de novo: estou atuando dentro de uma bolha, porque eu sou professor de Letras. ■

Ilustrações: Marciel Conrado

MALDITA PRIMAVERA



O menino caminha nos trilhos. Como se seguisse o curso de um rio, as linhas do mapa, em linhas certas, impossível se perder. Ao seu lado, muros pichados, depósitos abandonados, ele não conhece muito bem aqueles cenários, mas sabe que, com a exatidão dos trilhos, poderá se reencontrar. Refazer os passos. Voltar atrás como se nada tivesse acontecido, porque nada acontece de fato. A vida é só uma repetição de fracassos, ele já sabe nessa idade. Então segue em frente planejando como poderá voltar. Segue torto em linhas retas.

As luzes piscam acima, postes prometendo iluminar seu caminho, mais ameaça do que abrigo. A primavera. Noites quentes e tardes ainda es-

curas. Finais de tarde alaranjados tremeluzindo em cupins. Pragas saindo de casa. Ele odeia essa época do ano, em que tudo é perecível e ainda não se pode se relevar na descartabilidade do verão. Tudo irá apodrecer. Primavera alergênica. Sua pele coça. Ele segue os trilhos. Conta os passos e calcula quanto tempo tem até o jantar.

Mudou-se há poucos meses, novamente. E a cidade parece que já esgota suas possibilidades. Mudou-se há poucos meses e as cidades parecem todas as mesmas, o destino. Não se afastar muito de casa. Ajudar no almoço. Voltar para o jantar. A mãe segurando uma coleira curta pela incapacidade de adestrá-lo. Ele sendo um bom menino, nos trilhos. Ou apenas deixando de ser mau.

Chuta uma lata. Antes de chutar a lata, arremete o pé contra a lata e freia-se para ajoelhar-se diante dela, antes de chutar. Lata nova para sua coleção. Testa o alumínio. Sólido. Duro. Testa a própria força. Uau. Uma daquelas latas antigas... Há quanto aquela lata sólida de refrigerante estava ali? Reergue-se e fareja o ar como para determinar quanto tempo havia passado, se o jantar estava vindo, se havia uma tempestade-apocalipse-novidade a se anunciar. Nada. Os trilhos seguem de um lado a outro. E o menino só tem dois caminhos a seguir.

Não. O menino tem muitos outros caminhos. Ele pensa. Se pudesse. Se tivesse seguido atrás no trilho, atrás, atrás, muito atrás, estaria com ela. Se vi-

rasse atrás, e à direita. Se virasse à direita, e esquerda, esquerda, esquerda. Bem, talvez não tantas, assim estaria indo em círculos. Mas nas voltas e viradas, estaria. Mudaram-se antes, como a mãe sempre fazia. A mãe o afastando das meninas. Diabos, tantos meninos sofrem com isso. Tantos meninos não conseguem, não querem, não tentam se aproximar do sexo oposto. Sexo frágil. A mãe o impedia. Ele se continha. Mas sentia o impulso por elas como um maquinista a lhe conduzir. Era seu destino. Ele era menino afinal, por mais que a mãe tentasse castrá-lo.

Se ele não dependesse dela, se ainda não dependesse de mesada. Se pudesse fazer as próprias escolhas, e viver uma vida de adulto... viveria. Ah, se

“Pois não?” a pergunta do padeiro já é um pouco inquisidora. O padeiro o examina como se ele não devesse estar ali. O menino caminha até a vitrine um pouco mais chacoalhante do que o natural, para fazer as moedas serem ouvidas. Examina os doces e não tem um interesse particu-

lar por nenhum. Talvez o doce de leite daquele ali. Talvez o folhado desse. Quem sabe o creme, o sonho, o chocolate seja gostoso. Olha a vitrine de *petit fours* e há uma miniatura de todos, minimamente apetitosos. Um de cada, de repente, dez de cada, três, dois desses. Cem, duzentos gramas, cento e trinta está bom. Minha mãe está recebendo gente em casa, o menino pensa em dizer para não passar apenas por um menino guloso. Mas o padeiro nem perguntou.

Com a bandeja de *petit fours*, o menino segue fora dos trilhos. Traversa adentro, cumprimenta transeuntes e matronas em janelas como se pertencesse de fato ali. Como se seus doces tivessem uma função. Como se a vida fosse doce. As matronas também preenchem as janelas como se interpretassem donas de casa de outras épocas e cidades, ele sabe que são prostitutas. Ele segue poucos passos até a próxima rua como se não fosse obra do acaso, como se o percurso sempre fora planejado. Como se esperasse desde o começo encontrá-la. Sentada na porta de casa, na calçada. Ele se junta a ela.

“Oi”, ele se senta com a bandeja de doces.

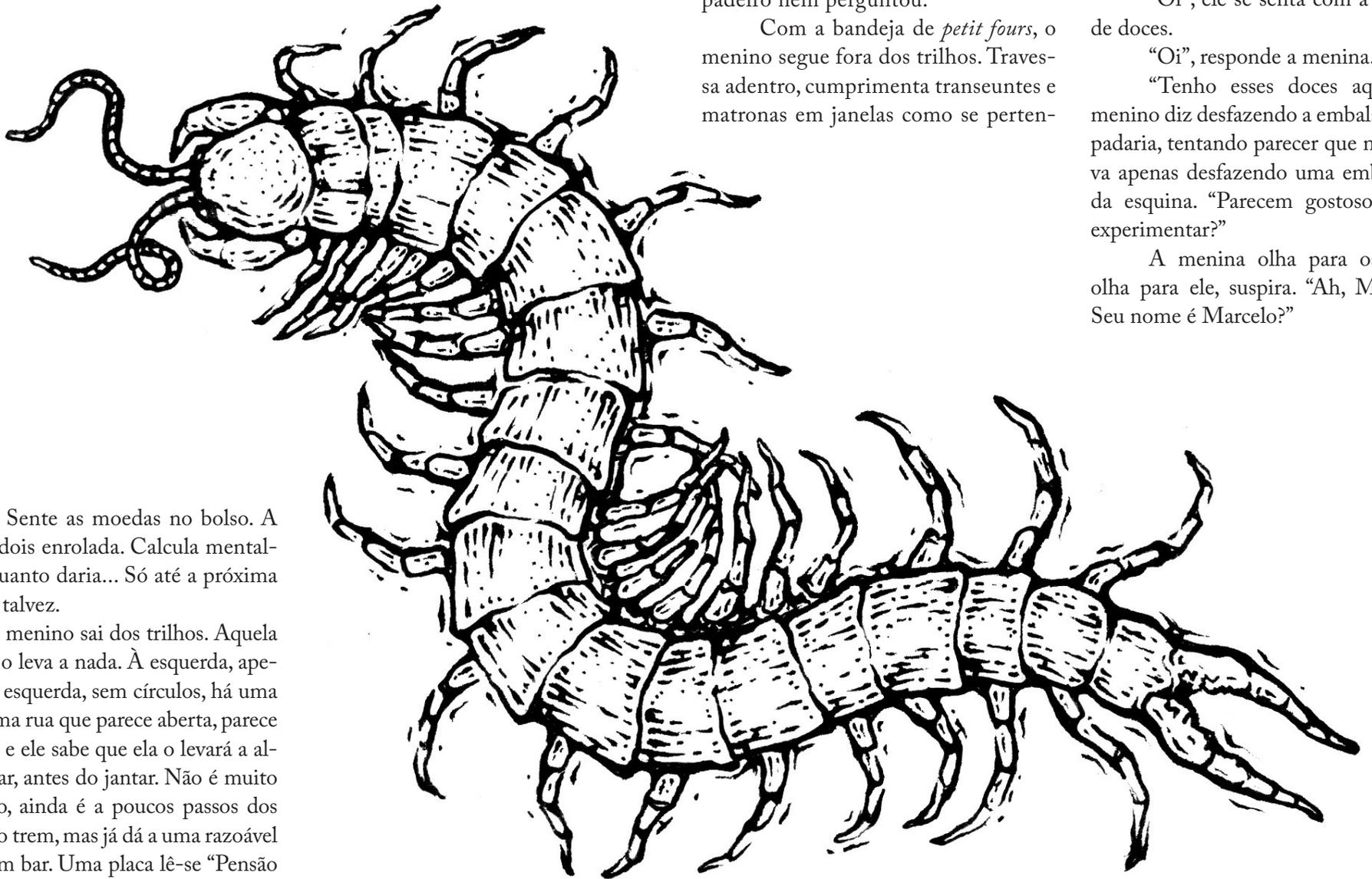
“Oi”, responde a menina.

“Tenho esses doces aqui...”, o menino diz desfazendo a embalagem da padaria, tentando parecer que não estava apenas desfazendo uma embalagem da esquina. “Parecem gostosos. Quer experimentar?”

A menina olha para os doces, olha para ele, suspira. “Ah, Marcelo... Seu nome é Marcelo?”

pudesse. Sente as moedas no bolso. A nota de dois enrolada. Calcula mentalmente quanto daria... Só até a próxima esquina, talvez.

O menino sai dos trilhos. Aquela reta não o leva a nada. À esquerda, apenas uma esquerda, sem círculos, há uma fenda, uma rua que parece aberta, parece habitada e ele sabe que ela o levará a algum lugar, antes do jantar. Não é muito civilizado, ainda é a poucos passos dos trilhos do trem, mas já dá a uma razoável venda, um bar. Uma placa lê-se “Pensão para Moços” e ele se pergunta se é moço, se é um prostíbulo, se aquilo é um lar e ele poderia de fato viver lá. Bem, não com as moedas que tem no bolso. Mal viveria a próxima refeição. Oh, uma padaria. O menino entra e espia.



CONTO | SANTIAGO NAZARIAN

O menino sorri. “Sim, é Marcelo.”

“Ah, Marcelo, isso é doce vagabundo de padaria...”

Marcelo ri. Não esperava que a menina tivesse um paladar tão exigente. Sua prima, conheceram-se por alto há poucos dias, ali mesmo, num almoço de domingo, de família. Ele olhando para ela só de soslaio. A mãe olhando de soslaio para ele. Ele sabendo que seria impossível se aproximar, escutava a mãe o chamando para ajudar os homens, ajudar os adultos no churrasco. Ele sabia que voltaria para lá, planejava enquanto linguças ainda estavam assando. Agora estão os dois em silêncio, sentados, comendo mini sonhos de chocolate achocolatado. Bombas de gordura vegetal hidrogenada. “Foi só o que consegui encontrar.”

A menina dá de ombros lambendo o creme sabor chocolate. Ele olha para ela com aquela curiosidade que tem por todas as meninas. As pernas longas, lisas, finas, estendendo-se para fora do shorts, um arranhão logo abaixo do joelho, queria ter vivido aquela história. Gostaria de entendê-la, poderia conhecê-la melhor, nunca tem tempo o suficiente, sempre é tão rápido. Se pudesse congelar-se assim, naquela idade, com ela...

“Vamos sair para brincar?”, o menino pergunta inocentemente.

“Pfff”, caçoa a menina. Sempre tão madura para a idade. “Brincar é coisa de criança.”

O menino torce a boca e dá de ombros. Não sabe o que dizer. Pensa em sugerir “futebol”, mas futebol é coisa de menino. Amarelinha? Amarelinha é coisa de menina. “É modo de dizer. Pensei em procurar as cobras no mato da rua de trás.”

“Ai, você é doido”, ela diz; lindo, ele recuperou a ousadia, superioridade masculina, “que eu vou revirar o mato atrás de cobra.”

“Se você tem medo...”, ele diz.

“Não tenho *medo*. Tenho nojo desses bichos. Nem quero ver...”

“Eu quero. Queria ver se tem cobra mesmo... Catar umas. Vai, é como um zoológico.”

“Credo.”

“É só ter cuidado. Cavucar as tocas com um pau. Botar pra fora. Não tem perigo. É só um bicho. Já fiz isso várias vezes...”

“Você é doido.”

“Só não tenho medo. A casa delas é aqui mesmo. A gente que veio invadir...”

A menina lambe o resto do creme em silêncio, sem entrar em divagações ambientalistas, e ele já sabe a resposta. Ela se levanta. “Tá, mas você que cavuca; eu vou ficar atrás, só olhando.”

Ele sabe que não há cobra nenhuma. Não há mais cobra nenhuma. São animais inventados, pelos adultos, para afastar as crianças da natureza. No mato só há entulhos. No mato, só camisinhas usadas. No máximo, escorpiões. Lacraias. Um beliscão materno condenando a criança a uma vida asfaltada. Ele veio para salvá-la.

Descem a rua passando por passantes, janelas, pensa em quantos estão lá a examiná-lo. A desconfiança dos homens, o olhar das matronas. “Então você prefere é sair com ela, boneco. Claro, todos preferem as novinhas. Mas, ah, se fosse homem de verdade. Ah, se desse conta. Hum, se me deixasse mostrar o que só uma mulher experimente é capaz...” É só um menino descendo com uma menina, diabinhos, um menino com sua prima, não há nada de mais. E não há nada de mais mesmo, nada aconteceu, mas as pessoas não sabem disso. As pessoas acreditam em bichos papões e cobras escondidas no jardim de casa. Ignoram o que cada um tem de escondido.

Entram num terreno baldio. Perfeito. A grama bate nos joelhos, bom. Poderia haver cobras aqui. Ele já encon-

tra uma enxada. Segue decidido. Conhece a toca da anaconda. A casa da sucuri. A caverna da cascavel, da mamba negra, o templo da naja, termas da cobra d’água, castelo da cobra de vidro, paraíso dos ofídicos. Só não sabe aonde vai cavucar. A menina segue atrás, curiosa. Ela devia mesmo ter cuidado com os escorpiões. Essas pernas nuas. Essa infância a envenenar. O mato roçando em sua pele. A menina coça o final da coxa e ajeita a calcinha. Ele afasta o olhar.

Então ele avista. Um buraco no chão. Uma coruja no buraco. Ora, ele se aproxima. A coruja se infla, é uma toca. É, poderia haver cobras, se as cobras não fossem mortas. Ele encara a coruja. A coruja o desafia. É, poderia haver cobras. E as corujas comeriam as cobras. E as cobras comeriam as corujas. E estaria tudo certo. E seria apenas a natureza. E deus acharia bom.

“Mete a enxada nela, deve ter filhotes”, diz a menina.

O menino se vira.

“Vai, mete a enxada”, insiste a menina.

O menino resiste. “É um ninho de corujas. Por que vou meter a enxada?”

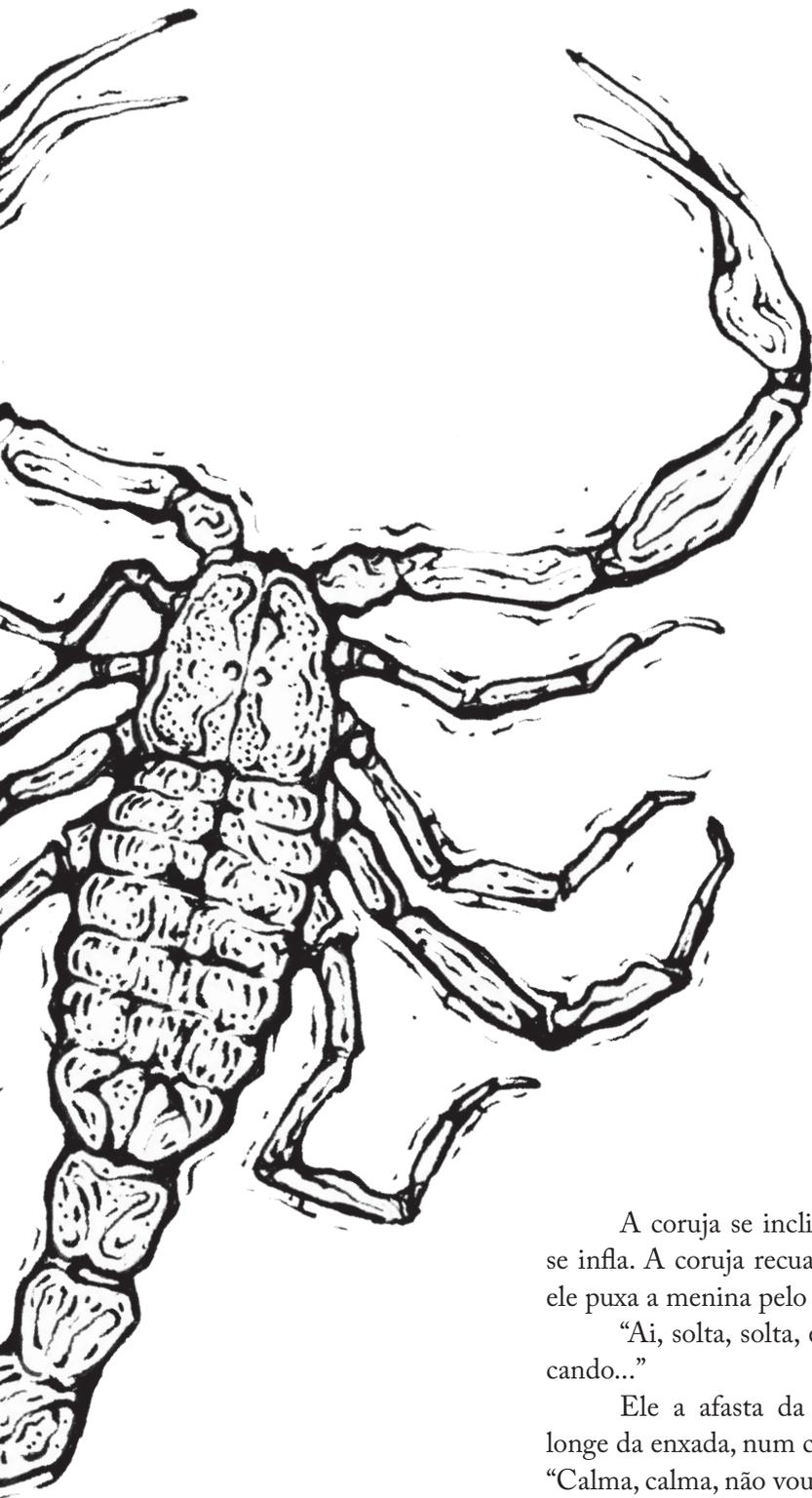
“Ai, esses bichos tem por todo canto...”

E ele não sabe o que dizer; bichos por todo canto, isso é motivo para matar? Foi isso o que vieram fazer ali? Matar a natureza? Ou observá-la? Cavucar, revirar, atijar, quem sabe, mas matar? Se essa é a única forma de continuar observando a natureza, se esse é o único contato que podem ter, não vai durar muito, não vai sobrar muito. Ele não está sozinho. Olha para a menina. Entrega para ela o poder de decidir. Larga a enxada e dá um passo ao lado.

A menina se adianta e segura o cabo.

Ele olha as longas pernas lisas dela saindo do mato, à beira da primavera alergênica, formigas, cupins ou escorpiões. Cobras, não.





A coruja se inclina. Ou a coruja se infla. A coruja recua. A coruja pia e ele puxa a menina pelo pescoço.

“Ai, solta, solta, está me machucando...”

Ele a afasta da toca da coruja, longe da enxada, num canto do terreno. “Calma, calma, não vou te machucar.”

“Me solta, Marcelo, ai...”

“Calma, tenho uma coisa pra você...”

Mas a menina se debate e não quer nada dele, se debate demais. São aquelas penas e joelhos e cotovelos em movimento. As pernas arranhan-

do em picões. Porra, por que as meninas têm de se achar sempre tão superiores? A curiosidade não se aguenta mais. “Vamos brincar de outra coisa, tá? Muito mais legal.”

“Me solta, Marcelo, vou falar para minha mãe. Para...”

E com ela se contorcendo ele nota o relevo de seus seios. Com ela se contorcendo ele não nota o relevo de seus seios. Ele nota seu peito ainda assexuado, já com um sutiã, denota suas intenções. Ela já está pronta. Ele quer investigar mais. Que se aprofundar, ir abaixo, uma cordilheira lisa até uma caverna desdentada. Fique quieta, fique quieta. Se você ficar quieta é melhor. Nunca senti prazer em você se contorcer e gritar.

Numa jogada simples do braço a menina está no chão e Marcelo está sobre ela, exercendo seu peso. A menina ainda resiste, e ele bate a cabeça dela no chão, uma, duas vezes. Assim, ela amolece um pouco — meninas deveriam ser macias. Cabeça no asfalto, pernas escorrendo para a terra, ele escorrendo com ela entre capim-mombaça, *panicum maximum*, no canto de um terreno baldio.

Ele penetra. Ela sangra. Peso e pelos sobre algo tão insubstancial. Sente ossos se partindo, um recheio ralo. Não haveria espaço dentro dela para tudo o que ele tem a transbordar. Suor cola suas peles. A barba por fazer lixa o rosto dela como se fosse desfazer uma máscara, revelar algo, não há nada a esconder, nada a esconder. Não há máscaras, não há segredos, não há uma grande revelação por trás, por dentro, ele não descobre nada além daquela menina, tudo o que ele já sabia. Ela não tem respostas, nem mesmo muitas vontades. Continua se contorcendo por um bom tempo, mas cada vez com um menos vigor — nem como cedesse nem como se quisesse, como se estivesse cada vez menos lá. Muito fácil

e muito rápido. Uma mordida no bico dos seios. Uma mão áspera no pescoço de garça. Aperta a garganta e a faz parar. Ela continua quente e latejante mesmo assim, elas latejam por um bom tempo. É a natureza. Por mais que se tente asfaltar...

Marcelo levanta-se e olha para baixo. Fecha o zíper. A menina como um personagem de desenho animado, esmagado por um rolo compressor. Não, seu pulmão ainda infla. Palpita. Marcelo pega o tijolo ao lado e é um golpe rápido na lateral esquerda da cabeça. Pronto, nada mais a palpitar. Geleia orgânica. Ele sente o ombro. Um gosto azedo na boca. O cheiro pungente de seus próprios líquidos e os mosquitos o devorando vivo.

Marcelo volta pelos trilhos. A luz laranja dos postes ilumina seu caminho, estroboscópico pelos cupins. Espera não estar chegando tarde para o jantar. Se a mãe ainda estiver na cozinha, ele pode escapar para o banheiro, tomar um banho, sem ter de passar por ela. Pode dormir sossegado esta noite, ele vai ter tempo. E amanhã pensar no que fazer. É só seguir os trilhos. Voltar ao início. Como se seguisse o curso de um rio, as linhas do mapa, em linhas certas, impossível se perder. Porém Marcelo está cansado, ainda que saiba que a volta é sempre mais rápida do que a ida. Sente o peso dos anos, uma dor no joelho, está ficando velho para fazer isso. Coça picadas dos mosquitos. Sente seu próprio corpo fedendo. Os cupins grudam-se à sua testa, ao suor da careca. Maldita primavera. Amanhã começa o horário de verão. ■

 **Santiago Nazarian** nasceu em São Paulo (SP), em 1977. É autor de diversos romances, entre eles *Biofobia*, *Mastigando Humanos* e *Feriado de mim mesmo*. Tem obras publicadas em vários países da América Latina e Europa. Em 2007, foi eleito um dos escritores jovens mais importantes da América Latina pelo júri do Hay Festival em Bogotá. Em 2017 lançou o romance *Neve negra*.

Pequeno, mas persistente

Os audiolivros voltam a ser uma aposta das editoras nacionais. Disputando mercado com a música, pretendem ganhar espaço nos fones de ouvido dos brasileiros

OSNY TAVARES

O fone de ouvido é uma das marcas distintivas da nossa época. Desde a invenção do walkman pela Sony, no final dos anos 1970, mas especialmente com a chegada dos tocadores de MP3, na virada para este novo século, é cada vez mais comum ver pessoas com *plugs* na orelha. Na rua ou no ônibus, no trabalho ou na academia, a música ganhou as ruas e se tornou portátil, quase etérea, a partir dos formatos digitais.

O mercado editorial pretende também ganhar o seu espaço nos ouvidos do público. Para isso, os audiolivros estão renascendo como uma alternativa ao papel e à tela. O produto está longe de ser uma novidade. Faz décadas que obras literárias narradas encontram um público pequeno, porém constante. Durante muito tempo, cursos por correspondência optaram pelo formato. As mensagens bíblicas ganhavam tons solenes na leitura, sendo, no Brasil, a versão de Cid Moreira a mais conhecida.

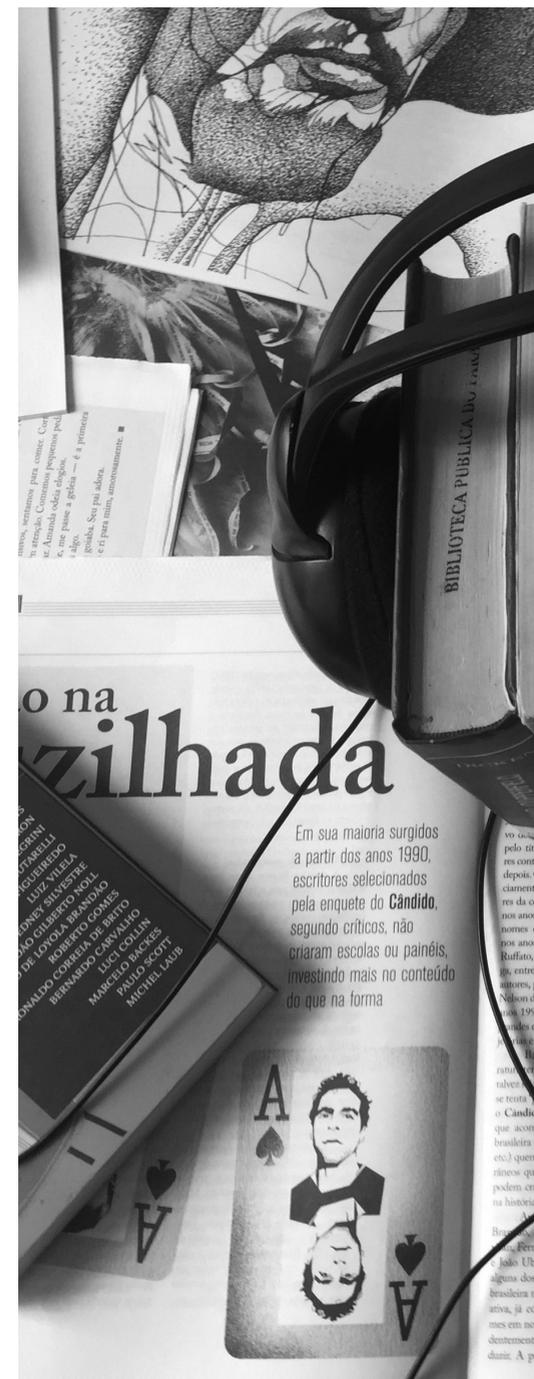
Embora difícil de precisar, é certo que o tamanho atual do setor de audiolivros no Brasil, em relação ao formato convencional, não ultrapasse 5% das vendas — considerando apenas os títulos que têm as duas versões. O alcance potencial é uma incógnita, mas há perspectivas animadoras. O comportamento dos consumidores em mercados mais desenvolvidos é uma boa pista.

Nos Estados Unidos, quase 90 milhões de unidades foram vendidas em 2016, mais que o dobro de 2011.

“O crescimento do mercado internacional de audiolivros vem sendo discutido em várias mídias e feiras de livros nos últimos anos”, aponta a coordenadora de livros digitais da editora Rocco, Mariana Mello e Souza. “Além disso, o surgimento de novos parceiros e tecnologias que resolvem questões que dificultaram a difusão do áudio no passado também contribuem para o movimento de investir novamente no formato.”

Os executivos do mercado entendem os audiolivros como um mercado de idas e vindas, tendo em cada nova “onda” uma particularidade. Na mais recente investida do setor, algumas dificuldades técnicas do passado foram extintas. Por exemplo: as obras não precisam mais ser editadas em volumosos boxes de mídias físicas (LP, K7 ou mesmo CD). Mas precisam driblar a pirataria e encontrar viabilidade financeira diante de uma geração que desaprendeu a pagar por produtos culturais.

O formato híbrido possibili-



ta ao leitor um consumo extensivo das obras. Devido à multiplicidade de dispositivos e formatos, todos facilmente sincronizáveis entre si, ele não precisa escolher entre um ou outro, mas alternar conforme o interesse e a disponibilidade. “A produção de livros em formato áudio é uma tendência mundial. As grandes editoras nos Estados Unidos e na Europa já publicam o conteúdo em formatos diversos e o leitor é

Luís Izalberti



quem decide como quer consumir: se livro impresso, ou digital *eBook*, ou digital audiobook. O consumidor pode, inclusive, começar em um formato e terminar a leitura em outro, numa viagem, por exemplo”, exemplifica Sílvia Leitão, editora de negócios digitais do Grupo Editorial Record.

É o que tem feito a estudante Patrícia Fontoura, de 18 anos. Desde que entrou na Universidade Federal

do Paraná, no início deste ano, tem se desdobrado para acompanhar as leituras do curso de Filosofia. No entanto, também queria ler *As crônicas de gelo e fogo*, de George R. R. Martin, série de livros de fantasia que inspiram o sucesso *Game of thrones*, do canal HBO.

Encontrou o único tempo disponível nas viagens de ônibus entre a casa e a faculdade. Porém os percursos do transporte público não eram fa-

voráveis à leitura da obra, que se divide em livros de mais de 500 páginas. A solução estava no próprio bolso. “Sempre que tenho algum tempo livre começo a escutar o livro. Para mim é uma forma de aproveitar melhor o tempo. E como é um romance de fantasia, também me distrai e relaxa. O narrador é muito bom, usa entonações diferentes para cada personagem e lê a história de modo envolvente”, conta Patrícia. “Comecei a ouvir como um quebra-galho para a falta de tempo, mas acho que vou continuar com o hábito e encarar outras obras.”

Catálogo e produção

Com uma produção incipiente, o catálogo em áudio das editoras brasileiras não ultrapassa algumas dezenas de títulos. A prioridade é para os *best-sellers*, aproveitando a divulgação massiva realizada durante o lançamento da obra. “Uma experiência bem inovadora que fizemos no mês de setembro é o lançamento simultâneo do livro *A Políglota Federal* em quatro formatos, todos juntos: o livro físico, o filme que estreou nos cinemas em 7 de setembro, o livro digital *eBook* e o livro digital *audiobook*. Está sendo um *case* para nós. Acho que a tendência é ter essa estratégia mais vezes”, avalia Sílvia Leitão, da Record.

Também são convertidos livros tidos como “*long-sellers*”, obras que mantêm o interesse constante dos leitores ao longo do tempo. *O diário de Anne Frank* e *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry — inclusive pela característica da narrativa —, são produtos preferenciais. A escolha é criteriosa, pois a produção do audiobook é 50% mais cara que a edição de papel.

O trabalho é terceirizado para estúdios de gravação e dublagem. A produção menos complexa é a que utiliza apenas um narrador. O tempo de gravação é três vezes maior que o de uma leitura normal, e alguns livros chegam a ter

10 horas de duração. Em trabalhos mais sofisticados, o livro ganha a voz de atores famosos e cada personagem é interpretado por um profissional diferente. O jornalista Laurentino Gomes lançou seu segundo livro, *1822*, em audiobook pela Plugme, um selo do Grupo Ediouro. A narração ficou a cargo de Pedro Bial, enquanto os diálogos e a leitura das cartas aparecem na voz do próprio autor.

A comercialização do produto passou por diversas fases, conforme o desenvolvimento tecnológico. Dos CDs dispostos nas prateleiras das livrarias, migrou para portais como *Ubook* e Universidade Falada. O primeiro é uma espécie de Netflix dos audiobooks, que cobra uma assinatura mensal para acesso livre ao catálogo, repassando um valor às editoras conforme a audiência. O segundo trabalha com um modelo mais convencional, de pagamento por obra baixada.

As editoras veem na parceria uma estratégia para minorar a pirataria, num fenômeno semelhante ao que ocorreu com o próprio setor de filmes e séries após o surgimento dos serviços de *streaming*. “A pirataria sempre poderá existir, em qualquer formato que seja. Nós só podemos tentar tornar a forma legal de obter o conteúdo tão simples que não vale a pena perder tempo com a pirataria, além de trabalhar na conscientização do público. As lojas que comercializam o audiobook hoje trabalham com o modelo *streaming* e, mesmo quando o arquivo está disponível para ser ouvido *off-line*, este permanece dentro do aplicativo da loja onde foi adquirido. Dessa forma a leitura também pode ser sincronizada entre vários aparelhos, permitindo que o ouvinte passe de um aparelho para outro sem perder o ponto onde estava no texto e permitindo evoluções tecnológicas dentro desse ambiente”, destaca Mariana Mello e Souza, da Rocco.

Arquivo pessoal



Patricia Fontoura, que aderiu aos audiolivros para aproveitar melhor o tempo que gasta no trânsito.

Há 40 anos, BPP mantém setor de adaptação em braille e áudio

O ano era 1975. O debate sobre inclusão de pessoas com deficiência praticamente inexistia no Brasil e os cegos estavam restritos a uma vida limitada e dependente da ajuda alheia. A Biblioteca Pública do Paraná mantinha alguns livros em braille em caixas de papelão. Um acervo muito restrito, mas ainda assim era o que se podia encontrar à época.

Para possibilitar a leitura e o conhecimento às pessoas com deficiência visual, criou-se então a Seção Braille na instituição. Após 42 anos, o setor mantém um dos maiores acervos com acessibilidade do Brasil. São mais de 3 mil títulos em braille e perto de 30 mil livros em áudio — somando gravações em CD e formato digital.

Um dos responsáveis por este trabalho é, ele próprio, um beneficiado pelo serviço. **Anastácio Braga (foto)**, de 64 anos, trabalha há 19 no setor.

Formado em Tecnologia da Informação pelo primeiro curso para deficientes visuais do Paraná, ofertado pela Celepar (empresa de tecnologia da informação do Estado), e com duas graduações completadas (Ciências Contábeis e Pedagogia), divide o dia de trabalho entre a BPP e a rede municipal de educação, onde é professor.

“A gente se prepara para atender as pessoas que têm menos conhecimento no assunto. E também podemos aprender com as diversas experiências que conhecemos aqui. Muitos deficientes visuais da cidade e de seu entorno não sabem que o setor existe, então temos que divulgar”, ressalta.

Qualquer livro do acervo da BPP está apto para conversão. Basta que o usuário solicite ao setor. A média de produção é de 30 livros por mês, e o sistema atende a todo o Paraná. O usuário que mora fora de Curitiba pode solicitar o livro, que será despachado até o correspondente da BPP mais próximo. O tempo de empréstimo é o dobro do convencional (30 dias, com possibilidade de renovação para mais 30).

Divulgação BPP





O radialista e escritor americano Nate Dimeo, que conduz o *podcast* “The Memory Palace”, recentemente editado em livro e publicado no Brasil.

Podcasts voltam à moda

Populares nos primórdios de banda estreita da internet, os *podcasts* voltaram a ser populares nos Estados Unidos. Uma espécie de atualização dos tradicionais programas de rádio, o formato se destaca por priorizar a fala em um ambiente predominantemente escrito e visual.

Há uma infinidade de gêneros, formatos e tamanhos. Desde programetes de cinco minutos até longas discussões de três horas. De monólogos até reportagens jornalísticas com alto grau de produção. O formato explodiu nos EUA em 2014, e desde então os podcasts mais populares registram *downloads* na casa das dezenas de milhões.

Um deles, “*The Memory Palace*”, chegou ao Brasil pelo cami-

nho inverso. O programa, realizado pelo radialista e escritor Nate Dimeo, com duração de cinco minutos, se dedica a narrar episódios altamente literários e curtos sobre a história americana, sempre narrados a partir de um ponto de vista inusitado. Uma coletânea com os melhores episódios foi publicada em livro (de papel) pela editora Todavia, com tradução de Caetano W. Galindo. ■



Leitor de fases

Um dos papas da *soul music* nacional, o músico baiano detalha todas as etapas de sua formação literária – uma lista que inclui poesia, quadrinhos, esoterismo, ficção científica, crônicas e clássicos brasileiros

OMAR GODOY



Poucos artistas da MPB podem se orgulhar de ter recebido uma consultoria de Chico Buarque. É o caso do baiano Hyldon, que recorreu ao autor de “Cálice” (e seu colega de pelada) para tirar dúvidas sobre algumas conjugações verbais usadas em seu disco mais recente, *As coisas simples da vida*, lançado em novembro do ano passado. Mas ele garante: o “auxílio luxuoso” só aconteceu três ou quatro vezes, e não incluiu a correção do material — como algumas matérias publicadas na época deram a entender.

“Existe, em letra de música, a licença poética e a linguagem coloquial. Já pensou se você fosse corrigir as letras do Adoniram Barbosa?” diz o artista de 66 anos, que mergulhou fundo nos livros de poesia durante o processo de composição do álbum, seu décimo de inéditas. Especialmente nas obras de Manoel de Barros e Ferreira Gullar. “Cada um tem seu estilo. O Manoel é de uma pureza infanda, quase infantil. Ele contrasta com o Gullar, totalmente seco e realista”, compara o autor de “*Na rua, na chuva, na fazenda (casinha de sapê)*”, “*As dores do mundo*” e “*Na sombra de uma árvore*”, entre outros clássicos da *soul music* nacional.

Outra leitura inspiradora foi *Paixões — Amores e desamores que mudaram a História*, da escritora e jornalista espanhola Rosa Montero. “Ganhei de presente de uma amiga esse livro, em que ela trata da loucura, da paixão e resgata histórias incríveis de casais como Cleópatra e Marco Antônio, Jonh Lennon e Yoko Ono, Evita e Juan Perón, etc.”, conta. Sua estante contemporânea ainda tem espaço para títulos de Cristovão Tezza, Ariano Suassuna, João Gilberto Noll, Rubem Braga e, claro, Chico Buarque.

Apesar de sempre estar em contato com a poesia (Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond e Andrade também estão entre seus favoritos de todos os tempos), Hyldon confessa que já teve inúmeras e variadas fases como leitor. Começando pelo gosto por gibis, visto com uma certa desconfiança por sua mãe. “Ela era contra, mas acho que estava errada. Muita gente começou pelo gibi, acho que estimula o gosto pela leitura”, diz.

Os títulos exigidos pela escola vieram em seguida, sendo que um deles permanece guardado em sua memória afetiva: *Helena*, de Machado de Assis. “Foi um dos primeiros livros ‘de letrinhas’, sem gravuras, que eu li. E também um dos primeiros que realmente me emocionou. Principalmente o final da história”, lembra.

Nessa mesma época, envolveu-se com as picantes histórias da espia francesa Giselle Monfort — personagem de folhetim criada pelo jornalista David Nasser no final dos anos 1940. Originalmente publicadas no jornal *Diário da Noite*, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, as tramas foram compiladas em volumes de bolso de grande sucesso comercial nos anos seguintes. “Esses livrinhos, vendidos no jornaleiro, me fizeram descobrir que a literatura mexia muito mais com a minha imaginação do que os gibis”, afirma.



Seu rol de “fases literárias” ainda inclui passeios pela ficção científica (ele cita Arthur C. Clarke e Isaac Asimov), a crônica brasileira (“Nelson Rodrigues é um dos meus ídolos”) e o esoterismo. Este último representado pelo popular e polêmico Lob-sang Rampa, pseudônimo do britânico Cyril Henry Hoskin, que alegava hospedar em seu corpo um lama tibetano. “Era o Paulo Coelho da época. Eu lia toda noite *A terceira visão* [seu título mais conhecido], fazia os exercícios de respiração que ele ensinava. Mas não consegui levitar”, diverte-se.

O livro mais relido, no entanto, continua sendo *Cartas a um jovem poeta*, do checo Rainer Maria Rilke. Publicada em 1929, a obra é um apa-

nhado de reflexões sobre Deus, o sexo, a solidão e a criação artística, entre outros temas universais. “Devo ter dado esse livro para mais de 50 pessoas, fora as recomendações. Foi um divisor de águas para mim. Com ele, aprendi a escrever com alma, com sentimento”, conta.

Mais de 40 anos depois de estrear em disco, Hyldon segue escrevendo dessa forma, agora em parceria com jovens cantoras da MPB como Ana Cañas (com quem dividiu o palco no Rock in Rio, no mês passado), Roberta Campos e Silvia Machado. A ideia, segundo ele, é que seu próximo álbum tenha “um olhar feminino, suave e sensível”. “E o resto é tocar minha guitarra, meu violão. Em casa e no palco, com os meninos que tocam comigo por amor à música, como eu.” ■



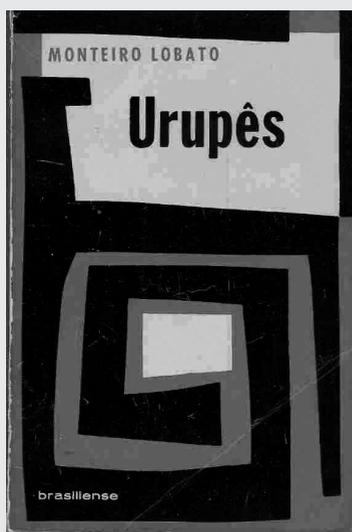
As batalhas de Lobato

O fundador da literatura infantojuvenil brasileira enfrenta concorrência nas livrarias – atualmente dos *youtubers* –, já foi acusado de trair a pátria e ser racista, mas, ainda assim, sua obra é conhecida por crianças, adultos e continua sendo uma porta de entrada para a leitura

MARCIO RENATO DOS SANTOS

A obra de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), principalmente a infantil [a adulta é quase desconhecida hoje], não faz sucesso no mercado editorial. Considerado um clássico, o legado do autor está disponível para compra, por exemplo, nas 27 lojas do grupo Livrarias Curitiba, presente no Paraná, Santa Catarina e São Paulo, mas em quantidades “menores”. “As vendas dos livros de Lobato já foram significativas, mas atualmente a procura é pequena e não é significativa. O mercado literário mudou”, afirma o diretor comercial da Livrarias Curitiba, Marcos Pedri.

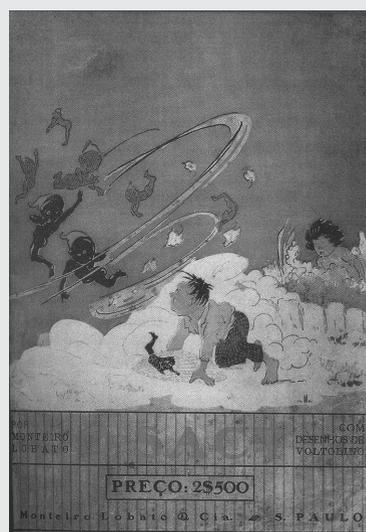




URUPÊS

Publicada em 1918, a obra reúne 14 contos de Monteiro Lobato, entre os quais a narrativa que empresta o nome ao livro. “Urupês” é o conto por meio do qual o escritor deu vida a um de seus personagens mais conhecidos, o caboclo Jeca Tatu: “Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie.” Conhecido até por quem não leu o conto, o personagem faz quase tudo abaixado, acororado: come, bebe café e até tosta um cabo de foice. Apresentado praticamente apenas com características negativas, Jeca Tatu sempre agia a partir da lei do menor esforço. No entanto, apesar da suposta “facilidade”: “Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive...”

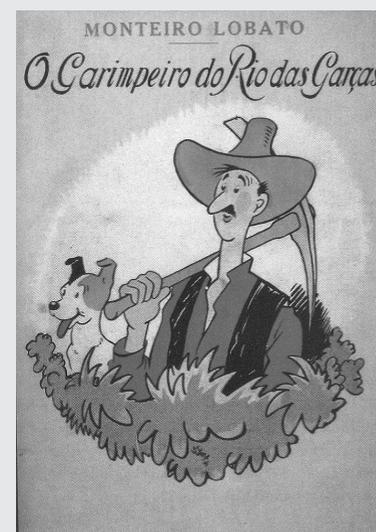
A Globo Livros publica toda a obra de Lobato, a infantil e a adulta, desde 2007. Editora da Globinho, da Globo Estilo e responsável pelas edições do autor pelo selo Biblioteca Azul, Camila Werner informa que há demanda para os livros infantis do autor, principalmente em escolas. Ela acrescenta que, entre os autores infantojuvenis publicados pela empresa, Lobato vende acima da média — sem mencionar números.



O SACI

Monteiro Lobato estreou para o público infantil com *A menina do narizinho arrebitado* em 1920 e, devido ao sucesso da obra, decidiu investir em outro título. No ano seguinte, publicou *O saci*, que também alcançou êxito. Estudiosos comentam que, com este segundo livro, inspirado no lendário personagem de uma perna só, o autor inaugurou o cânone do folclore brasileiro. O renomado crítico Antonio Candido elogiou a narrativa lobatiana: “Encantado com a lenda do saci desde criança, a cada nova edição Lobato acrescentava e modificava episódios, incluindo outras lendas, como a da lara, do Lobisomem e do Boitatá. Em sua versão definitiva leva a criança brasileira à poesia forte desta obra-prima que é *O saci*.”

Já a professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Maria Teresa Gonçalves Pereira analisa que os livros de Lobato não estão mais “na ordem do dia” porque os professores, e os pais, não leram o autor e, assim, não podem “vendê-lo” a seus alunos e filhos. “Apesar disso, Lobato continua



O GARIMPEIRO DO RIO DAS GARÇAS

João Nariz é o personagem central do livro *O garimpeiro do rio das Garças*, que Monteiro Lobato publicou em 1924. A obra começa da seguinte maneira: “João Nariz ouvia sempre falar do rio das Garças e da enorme quantidade de diamantes que existe por lá. Esse rio fica no Estado de Goiás e atrai aventureiros de todas as partes do mundo.” O rio que está no título da obra fica em Mato Grosso, e não em Goiás, como o autor indicou por descuido ou, então, “licença poética”. Independentemente do detalhe, a narrativa se destaca por mostrar a movimentação do protagonista, que abandona a sua rotina para seguir em busca de diamantes. E será devido ao nariz, ou ao tamanho desta parte de seu corpo, que ele vai encontrar o que tanto estava procurando.

sendo considerado o fundador da literatura infantojuvenil brasileira”, define.

No entanto, Maria Teresa faz uma retificação: “O legado de Lobato atinge os pequenos leitores, sim, dependendo de pais e professores críticos e atentos, não envolvidos pela ‘modernidade’. A falta de cultura e de vi-

são deles impede que percebam isso [a relevância da produção lobatiana], bombardeados pelas mídias, pela tecnologia e suas ‘novidades’”.

Salve, galera do YouTube!

Atualmente, as vitrines, gôndolas e espaços nobres de livrarias em todo o Brasil exibem, entre outros destaques, livros dos chamados *youtubers*, jovens que gravam vídeos e os divulgam no site YouTube — alguns deles, como Kéfera Buchmann, Felipe Neto e Pedro Rezende (RezendeEvil), são autores de obras que estão entre as mais vendidas no país. “Eles atraem o interesse de milhões de pessoas que os seguem, curtem e compartilham suas informações. Como o mercado é muito dinâmico, temos que acompanhar as novidades e oferecer o produto que o consumidor busca neste momento [livros de *youtubers*]”, comenta Marcos Pedri, da Livrarias Curitiba.

Maria Teresa Gonçalves Pereira analisa que, diferentemente da obra de Lobato, os livros dos *youtubers* fazem sucesso por serem de fácil assimilação, não havendo nenhuma barreira ou dificuldade para compreendê-los. “Na verdade, são simpáticos, divertidos, atraentes, bem escritos, mas não são, na maioria das vezes, formadores de massa crítica. Tudo o que [os *youtubers*] escrevem está na superfície”, diz a professora da Uerj, acrescentando que tais autores abordam temas adolescentes ou infantis da realidade, respondem algumas necessidades momentâneas, “mas dificilmente instruem, levam conhecimento, além de dar a plenitude que o universo mágico de Lobato proporciona”.

Camila Werner entende que é “natural” os livros dos *youtubers* obterem sucesso e, para ela, não há nada de errado com isso. “O interesse pela leitura tem que ser desperta-

do pela via do prazer e da curiosidade. Se a criança está lendo, não convém reclamar. Hoje os *youtubers* são os ‘vilões’, assim como já foram as revistas em quadrinhos, guardadas as proporções”, argumenta a editora da Globo Livros.

O que preocupa, de acordo com Camila, é como essa criança que lê obras escritas por *youtubers* vai dar o passo para se tornar leitora de Lobato ou livros de outros autores e gêneros. “Alguém precisa mostrar a ela, despertar o seu interesse, o livro [do Lobato ou de outros autores] precisa estar na biblioteca ou ao alcance das mãos em casa. Os adultos, portanto, têm um papel essencial nessa questão”, salienta. No entanto, a editora não considera um problema se uma criança ler obras de *youtubers* e de Lobato: “Uma [obra] não exclui a outra. Daí, ela vai decidir o que prefere. Formar um bom leitor é também ensiná-lo a procurar e escolher o que lhe interessa”.

Algumas polêmicas

Há cinco anos, um debate a respeito do racismo na obra de Lobato ocupou as páginas de jornais e revistas, internet, incluindo o circuito universitário. Trechos do legado do autor, de *História de Tia Nastácia* (1937), por

CONTRATO ENTRE MORTOS, VIVOS E OS QUE VÃO NASCER

Reprodução



O escritor Ilan Brenman lembra que, de acordo com pensador irlandês do século XVIII Edmund Burke, a sociedade é um contrato entre os mortos, os vivos e os que ainda não nasceram. “A cultura é a prova viva desse processo, o novo sempre surge com marcas do antigo. Einstein não existiria sem Newton, Newton não existiria sem Galileu, Giordano Bruno, Copérnico, etc”, argumenta. O raciocínio, diz Brenman, vale para a literatura infantil. “Podemos dizer que Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Tatiana Belinky e tantos outros, devem suas obras em parte ao Monteiro Lobato [imagem]. Portanto, precisamos mostrar para a criançada a fonte onde tantos beberam. O Lobato continua resistindo ao ataques do politicamente correto e as crianças adoram suas histórias”, comenta Brenman.

Stella Maris Rezende acrescenta que cada livro de Monteiro Lobato, “o nosso mestre, o primeiro a apostar na literatura especialmente dirigida às crianças”, é um clássico e, como diz Ítalo Calvino, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

“Privar as crianças de livros assim é um ato político de alienação e entorpecimento. Nós, os escritores de literatura infantojuvenil, e os bons educadores em geral, seguimos exercitando o ato político da imaginação livre, do pensamento arguto, da criatividade com as palavras, as ilustrações e as entrelinhas, o ato político do sonho, do conhecimento e da transformação”, afirma Stella.

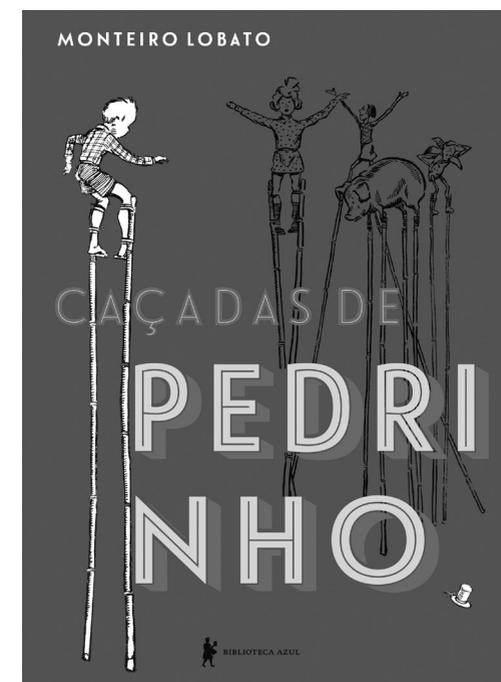
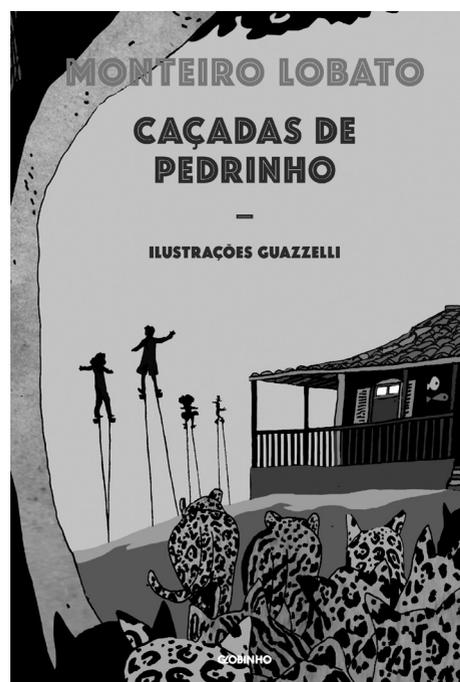
exemplo, foram apresentados para comprovar a tese — em um deles, há as seguintes frases enunciadas pela personagem Emília: “Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto!”. Já em *Caçadas de Pedrinho* (1933), a mesma Emília diz o seguinte: “É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Anastácia, que tem carne preta”.

Autor, entre outros livros, de *Pai, quem inventou* (2016), Ilan Brenman observa que o legado lobatiano já foi atacado ferozmente em 1930 e 1940. Ele estudou o assunto em sua tese de doutorado *A condenação de Emília*, defendida na Universidade de São Paulo (USP), em 2008, e publicada em formato de livro em 2012.

Nos anos 1940, o procurador do Estado de São Paulo, Dr. Clóvis Krueel de Moraes, pediu ao Tribunal de Segurança Nacional que procurasse e apreendesse, no Estado de São Paulo, todos os exemplares do livro *Peter Pan*, que Lobato publicou em 1930. De acordo com o procurador, o livro não tinha nada de inocente e pueril. Krueel chegou a afirmar que o Peter Pan, de Lobato, “[...] alimentava nos espíritos infantis, ‘injustificavelmente’, um sentimento errôneo quanto ao governo do país.” Brenman analisa que a “insanidade” de censores, como Clóvis Krueel de Moraes, interpretava a obra lobatiana como uma ode ao bolchevismo, sugerindo que Lobato seria um traidor da pátria e que seus livros iam contra a defesa nacional.

Setenta anos após o incidente, uma ala — de acordo com Brenman — “da esquerda brasileira” começou a atacar Lobato, tentando censurar as suas obras e colar a pecha de racista em “uma das mais fabulosas criações para a infância já feitas no Brasil”.

Brenman afirma que somente uma obra de extrema qualidade, como a de Lobato, teria a capacidade de unir



Desde 2007, a Editora Globo publica a obra de Lobato, por exemplo, *Caçadas de Pedrinho*. Pelo selo Biblioteca Azul, saem edições *vintage*, adquiridas até por adultos. Já pelo selo Globinho são publicadas as edições adotadas em escolas e também disponíveis em livrarias.

a direita, no passado, e a esquerda, no presente, numa mesma missão: calar a “Emília”. “É evidente que o Lobato era um homem do seu tempo, assim como seus contemporâneos, ou seja: ‘agasalhado’ de preconceitos. No entanto, precisamos separar a obra do criador. Se não fizermos isso e começarmos a ceifar as criações feitas por sujeitos que não pensam como os ho-

mens atuais, nada ficará para ser visto em museus, ouvido em muitos concertos ou lido em muitas bibliotecas”, diz Brenman, citando Richard Wagner, Caravaggio, Edgar Degas, Fiódor Dostoiévski, Luís Buñuel, Ernest Hemingway, Louis-Ferdinand Céline, como exemplos de artistas que elaboraram obras magníficas, mas que têm pontos de vista que atualmente podem

ser questionados — Céline, por exemplo, é considerado, por algumas vozes contemporâneas, reacionário e racista.

Literatura é linguagem

Dialogando com Ilan Brenman, Stella Maris Rezendé, autora de *Justamente porque sonhávamos* (2017), afirma que, de tempos em tempos, reaparece a questão do politicamente correto na literatura infantil, especificamente focando a obra de Lobato: “Surgem argumentos sobre racismo, preconceito e outros temas delicados, geralmente fundamentados em questões religiosas e ideias conservadoras”.

“A grande literatura incomoda, provoca e suscita questionamentos. Isso é ótimo. Literatura é, antes de tudo, linguagem. Muitas vezes, quem não estudou literatura se arvora em dizer coisas que nada têm a ver com a arte literária. O contexto em que viveu Lobato era outro, não se questionava com veemência o racismo e os preconceitos, mas isso é o menos importante a ser analisado”, defende Stella, vencedora dos prêmios Jabuti, João-de-Barro, Bienal Nestlé, APCA e Barco a Vapor, entre outros.

De acordo com Stella, o que realmente importa, independentemente de ser racista ou não — “e creio que, infelizmente, a maioria de nós ainda é racista e preconceituosa em vários aspectos” — é que a obra literária é livre e rica justamente por conter todas as questões da condição humana, das mais leves às mais complexas, com humor, inteligência, sutileza e riqueza de significados.

A professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie Marisa Lajolo acredita que a polêmica sobre o racismo na obra de Lobato é — “muito” — oportuna. E, completa a estudiosa, a discussão pode e deve estender-se para toda a literatura. “Penso que vale a pena discutir o racismo na tradição literária brasileira. Qual a identidade negra que a literatura construiu, construiu e constrói? Que sentimento esta identidade gera em negros e em não negros? Repulsa? Solidariedade?”, questiona

Marisa, organizadora da reunião da obra infantil e adulta de Lobato.

Para justificar o seu discurso, a pesquisadora recorre a *Caçadas de Pedrinho*, livro que Lobato publicou em 1933. Na cena final, Tia Nastácia reivindica seu direito ao passeio no carrinho puxado por Quindim: “(...) Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá...”. “Gosto de pensar no protagonismo de Tia Nastácia nesta cena”, pontua Marisa.

Já a professora da Universidade de Brasília (UnB) Regina Dalcastagné conta que, há 8 anos, tentou apresentar alguns livros de Lobato para o seu filho, Francisco, na época com 8 anos, e o menino não se interessou. “Ele já era leitor, não gostou da obra lobatiana. Percebo que outras crianças também não se interessam”, observa Regina.

A especialista da UnB analisa que a obra de Lobato é desinteressante para os pequenos leitores, entre outros motivos, por causa do racismo do autor, que aparece em sua obra, por exemplo, na maneira como os empregados são tratados. “Há uma série de narrativas atuais mais interessantes, complexas e atrativas [que as de Lobato], da série Harry Potter aos *pokémons*. Lobato é só mais uma opção, mas não é leitura obrigatória. Ele pode ser lido, mas as questões de sua obra, como o racismo, devem ser discutidas”, comenta.

Acesso à leitura

Apesar de polêmicas e da concorrência com inúmeros títulos, a produção de Lobato segue presente no imaginário de leitores brasileiros. Marisa Lajolo acredita que os livros do autor podem vir a ser porta de entrada para a leitura, mas entende que, a exemplo de qualquer clássico, eles “pedem” mediadores — e o ponto de vista é corroborado por Marcos Pedri, da Livrarias Curitiba, Camila Werner, da Globo Livros, Stella Maris Rezende e outros entrevistados, como o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Godofredo de Oliveira Neto.

“Lê-se ainda Lobato, menos, parece, mas ainda muito. A escola é a grande divulgadora e, nos casos polêmicos, a gente tem que lembrar que os professores estão lá [na escola] justamente para fazer a mediação”, enfatiza Oliveira Neto, autor do romance *Grito* (2016).

Marisa Lajolo observa que, por exemplo, a palavra reinações [que significa travessura, brincadeira] integra o título de uma obra importante de Lobato, *Reinações de Narizinho* (1931), e não faz parte do vocabulário das gerações mais jovens. “Dia desses, uma menininha comentou que não tinha ‘reinos’ na história, e que ela tinha pensado que era uma história de princesas, rainhas, etc. Reino até que tem, o reino da Águas Claras, mas não é esse tipo de reino que satisfaz as expectativas da leitora”, comenta Marisa.

Stella Maris Rezende conta que a sua neta Beatriz, de 10 anos, lê Monteiro Lobato e outros autores de literatura infantojuvenil, com igual encantamento, “por ser uma menina já apaixonada por literatura”. “Infelizmente, isso não acontece com a maioria das crianças brasileiras, pois tanto em casa quanto na escola há inúmeros entraves. Por vários motivos socioeconômicos e políticos, a leitura literária costuma ser uma riqueza ou uma felicidade vivenciada por poucos”, diz Stella.

Autor de livros para adultos, como o romance *O próximo da fila* (2015), e títulos para crianças, a exemplo de *Sofia e o dente de leite* (2011), Henrique Rodrigues participa de bate-papos, principalmente em escolas, e afirma que o legado lobatiano segue vivo: “Graças a professores que entendem Lobato como clássico brasileiro que pre-

cisa ser lido, como uma herança cultural a que todos os leitores têm direito de conhecer. Minhas experiências mais enriquecedoras como escritor têm sido no contato direto com crianças e jovens. Eles têm lido e escrito muito, facilitados pelas novas tecnologias nas quais nasceram imersos. Tenho muita fé nessa [nova] geração.”

Plataformas & possibilidades

Godofredo de Oliveira Neto lembra que, há 40 anos, adaptações televisivas deram um empurrão “extraordinário” na obra de Lobato. Camila Werner, da Globo Livros, acrescenta que essas versões foram, e algumas ainda são, realizadas com qualidade e, de fato, se apresentaram e apresentam como porta de entrada para os livros do autor.

“Mas, ao mesmo tempo, é importante descolar a obra televisiva dos livros. Lobato nunca escreveu uma obra chamada ‘O sítio do picapau Amarelo’ [há sim o livro *O picapau amarelo* (1939)] ou concebeu seus personagens para serem uma ‘turma’ nos moldes que conhecemos hoje. Vejo esses enganos repetidos muitas vezes na imprensa e até por professores, e acho que isso apaga um pouco o brilho da obra original”, critica a editora da Globo Livros.

Maria Teresa Gonçalves Pereira também é crítica em relação às transposições de textos literários de Lobato para a linguagem audiovisual: “O autor [adaptador] precisa conhecer a obra de Lobato para extrair a sua essência. Qualquer trabalho ou proposta pode-se valer dos métodos ‘modernos’ para abordagens variadas. Mas não pode, em nome de pretensa atualização, desfigurá-la ou mutilá-la”.

Deixando de lado as adaptações au-

AÇÕES E PALAVRAS

Reprodução



O Dia Nacional do Livro Infantil é comemorado em 18 de abril pelo fato de ser a data de nascimento de Monteiro Lobato [foto], em 1882. A efeméride foi criada em 2002, por meio da Lei 10.402/02. Paulista de Taubaté, Lobato é conhecido pelo seu legado literário, para crianças e adultos, mas ele também foi advogado, fazendeiro, empresário, colaborador da imprensa paulista e carioca, tradutor, editor e adido cultural — devido a este cargo, passou uma temporada nos Estados Unidos.

Revolucionou o sistema de edição e distribuição de livros no Brasil — não por acaso é autor da máxima: “Um país se faz com homens e livros”. Foi um dos primeiros a investir na extração de petróleo no Brasil. Lobato fez mais, muito mais. A professora da Uerj Maria Teresa Gonçalves Pereira o define como um empreendedor e criador de palavras e de ações.

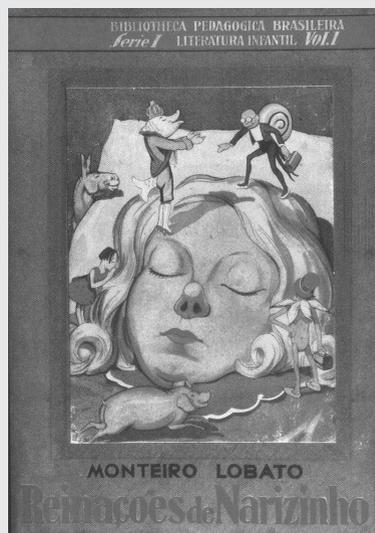
“Foi um visionário profundamente orgulhoso de sua pátria, que se incomodava com a falta de ações efetivas para acabar com as mazelas do país. Acreditava que inteligência e criatividade eram molas propulsoras para melhorar as vidas das pessoas física e intelectualmente falando”, diz a lobatiana Maria Teresa.

Morreu no dia 4 de julho de 1948, com “apenas” 66 anos, em São Paulo (SP).

diovisuais, a professora da Uerj chama atenção para a qualidade da linguagem literária dos textos do escritor. “É atual e possui a mesma qualidade já reconhecida no passado, só que há necessidade de contextualizá-la. De novo, insisto, não se prescinde do trabalho do mediador, do professor”, opina. A especialista ressalta — a exemplo do que já comentou Marisa Lajolo — que nos textos de Lobato há termos e expressões que não se usam mais, como o verbo bulir [que significa agitar ou implicar com alguém]. Mas, simultaneamente, há recursos que Maria Teresa classifica como brilhantes: trocadilhos e jogos verbais, entre os quais: “A morte de César foi uma brutalidade”.

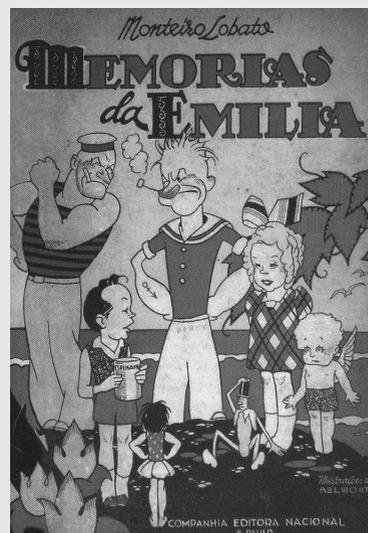
Camila Werner destaca outro aspecto do legado lo-

batiano: os personagens, entre eles, Emília. “Tão inteligente, tão contestadora dos papéis femininos daquela época, realmente à frente de seu tempo. É um modelo feminino incrível e pouca gente fala disso”, afirma. A editora ainda acrescenta que, além de Emília, os protagonistas das histórias de Lobato são, por excelência, crianças: “Ele foi mestre em dar espaço a elas, enquanto os adultos são meros protagonistas. A criança de Lobato é inteligente e respeitada, e as crianças amam isso.” ■



REINAÇÕES DE NARIZINHO

Não poucas vezes afirmam que, ao publicar *Reinações de Narizinho* (1931), Monteiro Lobato atinge a sua maturidade como autor de literatura infantil. Afinal, é nesta narrativa que o autor consolida o núcleo de personagens que iriam se perpetuar ao longo do tempo no imaginário brasileiro: Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, Emília, Tia Nastácia, Visconde de Sabugosa e Rabicó. O sítio do Picapau Amarelo estava, enfim, estabelecido como o cenário e, neste caso, como ponto de partida das histórias lobatianas. Temas como infância, família, leitura e escola estão nas aventuras desta obra, em que Narizinho se faz presente do início ao fim. É Lobato em um de seus melhores momentos.



MEMÓRIAS DE EMÍLIA

Um dos personagens mais fascinantes criados por Monteiro Lobato é Emília, a boneca de pano, feita a partir de uma saia da Tia Nastácia. Irreverente, livre, questionadora, uma espécie de alter ego de Lobato, ela tem até um livro autoral, as *Memórias de Emília* (1936). De acordo com os estudiosos, a obra tem entre outras marcas a metalinguagem. Mandona, Emília quer impor a sua vontade seja para escolher a diagramação do título, o papel para impressão, além, é claro, de obrigar o Visconde a redigir parte significativa da narrativa. Mas ela, sendo quem é, vai dispensar o Visconde e finalizar sozinha o registro escrito, afirmando-se ainda mais como Emília.



MONTEIRO LOBATO, LIVRO A LIVRO (OBRA INFANTIL)

Organizado por João Luís Ceccantini e Marisa Lajolo, e contando com uma equipe de pesquisadores e professores de várias instituições brasileiras, este livro ajuda a conhecer o projeto literário de Lobato voltado aos pequenos leitores. Cada capítulo é dedicado a um título infantil, com informações a respeito do lançamento, tiragem, reflexões sobre linguagem, ilustração e outras questões editoriais. “Uma das novidades deste livro é apresentar o percurso cumprido pela obra lobatiana — desde, muitas vezes, a discussão de seu projeto original até as alterações perceptíveis em suas diferentes edições”, explicam, os organizadores, no texto de apresentação.



O AMOR MORREU

Foi encontrado hoje, pela manhã, em decúbito dorsal o cadáver de um jovem. Os curiosos chegaram antes da polícia. E a TV logo em seguida abriu caminho entre a multidão. Mexeram daqui; dali e, por fim, deram o nome Amor. O Amor estava ali estatelado, na frente de todos. Os policiais se olharam, o inspetor escreveu na caderneta: HOMÍCIDIO. O curioso que olhava por cima do ombro espalhou: assassinado, o Amor foi assassinado. A multidão aglomerada como um telefone sem fio passava a informação: assassinado. Nas orelhas só se repetia: assassinado.

A imprensa pressionava os policiais tentando encontrar algo mais palpável, qualquer tipo de especulação para o espetáculo da tarde chuvosa. Perguntado sobre as conclusões, o inspetor disse: “Entre traições como vingança, bala perdida, tanta gente que atira para todo lado, descasos, pode ser muito coisa”. A repórter insistiu. O detetive de homicídios olhou os olhos azuis da repórter e não resistiu, então disse baixinho no ouvido dela: “Envenenamento”, e se foi. A multidão continuava suas apostas: fome. É muitas vezes ainda menino que se morre de fome. O Amor em tempos de ódio morreu de depressão, por estar fora de moda. Da própria multidão apareceu a resposta. Alguém havia dito, que alguém havia ouvido, que alguém havia visto, o inspetor falar em “suicídio”. Não havia dúvidas, depois de semanas de *posts* depressivos, e frases de autoajuda, o Amor suicidou-se. Como? Era a próxima pergunta repetida pela multidão, entre *selfies* e a busca por melhores ângulos.

Frágil, o pequeno corpo foi retirado. A multidão se dissipou. Em seus celulares, acompanhando a matéria, souberam: era envenenamento. O Amor toma um copo de cólera em casa, em desespero saiu pela rua já cambaleando e sofrendo a queimação das borboletas que morriam no estômago. Uma testemunha havia visto ele checar o WhatsApp e o Facebook, e então cair. O Amor é mais uma vítima do egoísmo sem tréguas dos novos tempos. ■



AMOR

NOS TEMPOS DA LUXÚRIA

 **Edra Moraes** nasceu e vive em Londrina (PR). Produtora e curadora cultural, fez sua estreia em livro com os poemas de *Da divina, da humana e da profunda* (2010). Em 2016 lançou sua segunda coletânea de poesia, *Para ler enquanto escolhe feijão*.

Patrícia amava Paulo e transava com Antônio, mas paquerava Marcos, que amava Rodrigo. Que tinha uma relação “cliente” com Marli. Transexual lésbica que se prostituía para sustentar sua namorada Carla, que gostava de joias e de passear no Lamborghini. Por isso chupava André, que apesar do Lamborghini, tinha vergonha do seu minúsculo pênis e amava José, lutador de MMA, casado, pai de dois filhos com Andreia, que usava cabelo azul, e amava Claudinha, sua melhor amiga. Claudinha transava sodomia e bestialidade com seu amado cão Brutos, que acreditava que a ração era amor.

Carlos, que não era do grupo, deixou Carla para ser feliz com Gisele, que tinha 500 ml em seios e coxas trabalhadas a ferro. Apesar disto, era frígida e fingia orgasmos, o que só sua amiga Tati sabia. Tati era livre, pois deixou o marido Rodolfo ao se descobrir gay na última Parada, e estava ainda sem namorada. Rodolfo, que agora acreditava ser Valentino, trocava de meninas e camisetas com grande esmero estético, toda sexta-feira com paixão.

Raquel frequentava a igreja da região e gostava de ser chamada de Ruth desde que fora trocada por sua prima Sara pelo namorado de longa data Daniel. Daniel flertava com Cristina, que era bem-sucedida aos 40, sem filhos, e se esmerava em presentes a cada enlace. Mas os enlaçados partiam levando seus pertences, o que a motivava a ganhar ainda mais. Sempre que conhecia alguém, “lacrava”.

Linda, cujo nome não a definia, era recatada e moça de fino trato. Masturbava-se escondida no quarto enquanto definava sozinha em sonhos de amor com sua tia Maria. Maria ainda chorava o fim do casamento de 12 anos, levando as crianças para a escola, quando soube pelo *status* da rede social que seu ex estava em um relacionamento sério com sua melhor amiga. Sua melhor amiga a amara e a invejara 12 anos, era justo uma revanche, pensava ela enquanto, ainda entre lágrimas, avistou Marcelo, professor de educação física dos filhos que sempre a cortejara, mas que devido ao casamento, ela sempre manteve só no flerte. Limpou as lágrimas, retocou o lápis e o batom e perguntou:

“Estou sem companhia para o último jogo da seleção de vôlei, minha melhor amiga não poderá ir, você já tem ingresso?”

Marcelo passou a mensagem pelo WhatsApp para a noiva informando que ela podia ir tranquila para o encontro com as amigas, pois seu amigo Gustavo iria ao jogo com ele. Assinou com três coraçõezinhos. ■

Os bastidores d'O Herói Provisório

A escritora **Etel Frota** narra sua busca pela biografia de Joaquim Ferreira Barboza, personagem esquecido da história paranaense que serviu de mote para a narrativa de seu primeiro romance

“Vejo o mar, vejo a serra,
vejo a nuvem, que corre,
a brincar com o sol.
Toda costa é cortada.
É uma praia, sem fim...”

Ilza das Neves, poeta, trineta do Capitão Joaquim Ferreira Barboza





Numa tarde remota em Paranaguá, muito antes do começo da peregrinação atrás dos rastros daquele que seria meu personagem, num tempo em que o herói e seu heroísmo eram ainda apenas uma inquietação, parei embaixo da placa do cruzamento das ruas Joaquim Ferreira Barboza com Vieira dos Santos e perguntei a alguns passantes quem tinha sido aquele homem [Joaquim]. Algumas pessoas até me deram alguma informação sobre o historiador Antônio Vieira dos Santos; quanto ao Capitão Ferreira Barboza, ninguém soube me responder.

Noutro dia, mais remoto ainda, na Ilha do Mel, território que faz parte de Paranaguá, no litoral paranaense, eu tive a primeira notícia sobre a incrível história do herói à revelia, Joaquim Ferreira Barboza, que comandou um combate que entrou para a história do Paraná. Em 1850, os canhões da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, na Ilha do Mel, abriram fogo contra um cruzador inglês, que rebocava três navios brasileiros, supostamente negreiros. A investida, que ficou conhecida como “Episódio Cormoran”, foi comandada por Ferreira Barboza e serviu de pano de fundo para *O herói provisório*, meu primeiro romance. O problema era que o herói não deixara rastros no imaginário da cidade que tão heroicamente defendera.

Pesquisas

O historiador David Carneiro, em *A história do incidente Cormoran* (1950), minha principal fonte de consulta, dava uma breve notícia sobre as origens de Joaquim: nascido em Cunha, Estado de São Paulo, no dia 25 de março de 1783, teria sido irmão — ou sobrinho — do cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846). Capelão dos monarcas, jornalista, poeta, fundador da maçonaria, ativista pela independência, esse religioso foi personagem de primeira grandeza nas décadas de formação da nação brasileira. A essa altura, já irremediavelmente tomada pela obsessão que me conduziu a *O herói provisório*, esse Januário — irmão ou tio — era a melhor pista que eu tinha, na busca da biografia de Joaquim Ferreira Barboza. Fui atrás dela.

Januário, entre as outras inúmeras citadas façanhas,

foi o fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Fui para o Rio de Janeiro e me internei no IHGB buscando notícias sobre a família do cônego, na esperança de encontrar alguma pista de Joaquim, seu irmão ou sobrinho. Descobri, ali, um outro universo, um outro personagem fascinante, material para outro romance — trata-se do filho do português Leonardo José da Cunha Barbosa, futuro Barão de Ipiabina, e sua esposa Bernarda.

O cônego Januário teve uma vida de notabilidades, uma morte publicamente pranteada com superlativos e aparentemente logo esquecida — uma correspondência burocrática do cemitério onde fora sepultado dava conta ao IHGB, em 1850, de que os ossos de seu ilustre fundador se haviam extraviado por uma indesculpável indiferença de seus parentes. Os mesmos sobrinhos que não zelaram por seus despojos se digladiaram, após a sua morte, na disputa das benesses que lhes adviriam das comendas que o tio recebera em vida. Foi o que encontrei. Nenhuma outra referência familiar. Nenhum Joaquim.

De mãos abanando, segui para Cunha (SP). Novamente, nenhum rastro da passagem de Leonardo, Bernarda, Januário ou Joaquim, quer no “Inventários e Testamentos (1787 a 1900)”, tampouco na “Relação dos Povoadores de Cunha”.

Por sugestão dos pesquisadores cunhenses que me ajudaram, fui procurar pelos documentos de batismo. De algum lugar David Carneiro havia de ter

tirado aquela informação. Passei mais alguns dias na cidade de Lorena (SP), sede da diocese à qual pertence a paróquia de Cunha, antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Facam. Mergulhei nos alfarrábios, literalmente. Encontrei a certidão de batismo, documento que era também, à época, o registro civil de nascimento. Vinha assinada pelo Vigário Bartholomeo de Carvalho Pinto:

“Aos vinte e cinco de Março de mil settecentos e oitenta e trez annos nesta Freguezia, ou Matrix de Nossa Senhora da Conceição do Facam, baptizei, e puz os santos oleos a Joaquim filho de Francisco Paulino de Aguiar Ferreira, e de sua mulher Jeronima Fernandes moradores no bairro da Encruzilhada. Foram padrinhos o Capitam Joam Gomes de Syqueira e Antonia da Sylveira de Souza cazados, todos desta Freguezia de que fiz este assento, que assignei.”

Era um Joaquim, de sobrenome Ferreira, batizado na data que o historiador David Carneiro registrara como a de nascimento do herói. Era o que de melhor eu encontrara ao longo da peregrinação nesses anos todos. Decidi que estava encerrada a minha pesquisa com relação à ascendência do personagem: já que informação não havia, construiria para Joaquim uma infância de filho bastardo de Leonardo, o legítimo pai de Januário da Cunha Barbosa.

Minha segunda principal fonte de consulta foi *Memória histórica de Paranaguá*, de Antonio Vieira dos Santos, aquele da rua transversal à do Joaquim. A obra, de 1850, tem dois volumes. Conseguira comprar uma preciosa segunda edição de 1921, apenas do primeiro volume, que li no papel. Algum tempo depois, tive acesso à versão digital de inúmeras obras do acervo do IHGB de Paranaguá. Apreendi o recurso da pesquisa por palavras nos arquivos PDF e raramente voltei aos livros de papel. Havia, nesse material digitalizado, o tal segundo volume de *Memória Histórica...*, que incorporei à pesquisa, sem o cuidado de lê-lo previamente na íntegra. Identifico, nesse momento, o meu primeiro pecado mortal como “pesquisadora” sem academia e sem método: recém-desembarcada no maravilhoso mundo da biblioteca digital, e na impossibilidade de ler de cabo a rabo todo o material, “folheei” os livros, deslumbrada

e a esmo, a partir dos títulos e dos resultados para termos pesquisados.

Narrativa escrita, invenções consolidadas, tendo meus heróis demonstrado o que eu desejara demonstrar, aposto o ponto final cuja tinta ainda não secara, recorri mais uma vez mais ao *Memória histórica...*, versão digital, para rever algumas datas e conferir alguns dados. Eis que me deparo — só então — com uma nota de rodapé, no segundo volume, que dava conta de uma outra notícia biográfica de Joaquim Ferreira Barboza — filho legítimo de Francisco Paulino, homem muito religioso, respeitado dos generais, do bispo e de todos; tratava-se com decência e gravidade. Antonio Vieira dos Santos e Joaquim Ferreira Barboza foram contemporâneos, o que torna a verossimilhança dessa informação — quem sabe ouvida da boca do próprio militar — incontestável.

Partindo para a ficção

Sim, desde o início eu quisera escrever uma ficção. Mas me importava que fosse construída a partir de bases reais, naqueles casos em que realidade rastreável houvesse. Cometera, contra a minha intenção, uma falha primária. Tomei o nome de uma possivelmente sóbria e recatada Senhora Jerônima e o emprestei a uma moleca avoadada, a quem fiz amásia acidental de um futuro nobre da Corte, o Barão de Ipiabina. O nome de um professor conhecido por ser homem de muita probidade acabou atribuído a um agregado caricato, que aparece na narrativa de raspão, apenas para



acomodar o nome paterno na certidão de batismo real do bastardo inventado. O venerável cônego da Casa Real, prócer da independência do Brasil, impelido por essa trama novelesca, acabara por protagonizar uma ação discutível, providenciando o despacho de seu irmão bastardo para a Guerra Cisplatina, o mais longe possível da Corte, onde sua carreira seguia impávida, nas abas da nobreza.

Oscilei alguns dias entre o desespero e o desânimo. A princípio, pareceu-me imperioso jogar fora a infância de Joaquim, as bucólicas paisagens de Cunha, os pesadelos com as mamangavas, Dona Alfa e a fazenda. Era falsa a moldura do mito fundador do caráter túbio do Capitão Joaquim, que no final das contas não passava de outra invenção. Ruiu todo o arcabouço ficcional destinado a suportar o único fato histórico relatado como tal, o incidente Cormoran. Cogitei desistir.

Abandonei o livro por algum tempo.

Pouco a pouco, entretanto, alguns fatos e memórias começaram a vir em socorro da sobrevivência do projeto em vias de ser dizimado.

Embora a obra de David Carneiro não traga informações sobre suas fontes bibliográficas, é altamente plausível a hipótese de que o livro de Antônio Vieira dos Santos — principal historiador de Paranaguá e coetâneo do “Incidente Cormoran” — tenha sido servido para suas pesquisas. Isso me colocava em ilustre companhia no equívoco quanto à filiação de Joaquim Ferreira Barboza e, de certa forma, me absolvía de suas desastradas consequências ficcionais.

A narrativa *O herói provisório*, que pretendia ser, inicialmente, mera tentativa de espiar o homem por trás de suas circunstâncias, já tinha enveredado, por minha conta e risco, pela perplexidade ante o borramento da fronteira entre história e ficção, e um certo escândalo ante a carga de adjetivos e testemunhos sensoriais emprestados à descrição do “Incidente Cormoran” pelo historiador David Carneiro — que 100 anos após o acontecido, aparentava ter estado presente não só aos combates, como às mentes e corações dos combatentes.

Lembrei-me, a essa altura, do personagem revisor

Raimundo Silva, dizendo ao emérito historiador, autor do livro que revisava, *A história do cerco de Lisboa*: “Em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura. A história, sobretudo, sem querer ofender...”

Novamente em boa companhia, escorando-me em Saramago — que haverá de me perdoar a ousadia — alinhavando um a um os argumentos pró, desconsiderando maciçamente os contra, decretei afinal a sobrevivência da narrativa.

Novas revelações

Mas ainda não se haviam esgotado as surpresas. Aos ascendentes, vieram somar-se os descendentes. A família de Joaquim, em cujo rastro eu passara, em vão, a última década, materializou-se de uma vez só, como em um passe de mágica. Por esses mesmos dias soube que aquele pesquisador de Cunha acabara de encontrar, no meio de suas infindáveis pesquisas, uma carta — datada de 1967 — do arquiteto paulista Christiano Stockler da Neves, em que fazia saber à prefeitura da cidade um fato que acabara de descobrir: seu bisavô — pai de sua avó Leopoldina — Joaquim Ferreira Barboza, herói paranaense, era na verdade nascido em Cunha, e portanto merecedor de figurar no panteão dos notáveis daquela cidade. Christiano, que além de arquiteto renomado à sua época, chegou a ocupar a prefeitura de São Paulo, durante alguns meses, em 1947, morrera em 1982.

Seguiu-se mais uma rodada de

buscas. Encontrei, em São Paulo, Christiano Stockler da Neves Neto, 70 anos, tetraneto de Joaquim. Por profissão, engenheiro. Por vocação, um colecionador de livros, documentos e histórias. Sabia que tinha um antepassado famoso na história do Paraná, mas desconhecia-lhe nome e feito. Falou-me, entre muitas outras coisas interessantes, da tia-avó Ilza das Neves, poeta, e do seu livro *Passos de luz*, publicado em 1954. Uma estrofe do seu poema “Viagem ao Sul” epigrafa este texto. Ficção por ficção, imagino Ilza, em sua “viagem ao Sul”, sobrevoando deslumbrada o recorte da Ilha do Mel, a serra, a baía, o farol, a silhueta da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, perfeitamente visível em dias claros, sem ao menos supor que, um século atrás, seu trisavô protagonizara ali o feito de sua vida.

Deve ser assim, de forma precária, que vai se construindo a crônica dos feitos humanos, em sua grandeza e miséria. Minha Lurdinha, afinal, se chamava Leopoldina, não me custaria tê-la rebatizado. Poderia, quem sabe, ter amarrado umas tantas gaiolas à cerca da casinha na Lapa, com sabiás cantando à passagem de Joaquim pelo quintal, na tentativa de envergonhadas e tardias escusas à memória ilibada desse seu pai Francisco Paulino que tinham acabado de me apresentar, muito apaixonado de criações de passarinhos, de todas as diversidades. Pendurar na parede da casa na Fortaleza um retratinho muito bem composto de uma certa Dona Jerônima, as feições sisudas caprichosamente desenhadas a bico de pena, emoldurado em prata lavrada, que seria areado reverentemente por nossa Lurdinha/Leopoldina, junto com as espadas do pai. Inaugurando uma nova ficção, descrever, no futuro, o primeiro encontro da moça em São Paulo com Christiano Stockler Lima, descendente de ilustre capitão-mor regente do ouro das Minas Gerais. Quem sabe, até, providenciar um encontro entre esse patriarca Stockler com Leonardo, pai real de Januário e fictício de Joaquim, para quem já tínhamos ajeitado, profeticamente, um cargo de inspetor do ouro em Cunha, somente para lhe facilitar o encontro com Jerônima (a moleca agregada de Dona Alfa, não a senhora esposa do honrado Francisco Paulino).

Poderia. Futuro do pretérito, tempo condicional e hi-

potético, já que não mais podia. Queria, talvez, não mais queria. Esgotara-se o tempo dessa história.

Tantos anos antes — curiosa, leiga e insubmissa — deixara-me comover pelo vislumbre das circunstâncias de um homem, que o conduziram a um destino de heroísmo, queda e punição que em muito excederam sua estatura. Na tentativa de despi-lo, tanto da fatiota de herói como do manto da vergonha do vilão, inventei-lhe um passado e um futuro, fiz barbaridades, contei mentiras, subverti o tempo, cometi sínteses históricas dignas de um samba do crioulo doido.

Estava feito.

Não havia como voltar atrás. Que assim permanecesse a vida fabulada do herói provisório.

Que a memória de Joaquim Ferreira Barboza me possa absolver de todas essas heresias, em nome da alegria de estar sendo, embora canhestramente, apresentada aos seus descendentes. E que trate a História de seguir seu curso precário, imperfeito e para sempre — inevitavelmente — provisório. ■



Etel Frota nasceu em Cornélio Procopio (PR), em 1952.

Estudou Medicina e atuou como clínica geral por quase duas décadas. Começou a escrever depois dos 40 anos. Em 2002 lançou *Artigo oitavo*, livro/CD de poesia escrita, falada e cantada. Sua produção como letrista de canções abrange uma enorme gama de gêneros musicais — do erudito à música caipira — e de parceiros (de Zé Rodrix ao sueco Måns Mernsten) e intérpretes variados (de Nasi a Maria Bethânia). Uma parte dessas canções está reunida no livro virtual *Lyricas* — a construção da canção (2007). Etel também é produtora/apresentadora de rádio e colaboradora do jornal *Folha de S.Paulo*. *O herói provisório* marca sua estreia no romance.



CONCURSO

Prêmio Paraná de Literatura 2017 recebe mais de 2 mil inscrições

O vencedor de cada categoria receberá R\$ 30 mil e terá sua obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná; o resultado do concurso sai em dezembro

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) divulgou o número de concorrentes ao Prêmio Paraná de Literatura 2017, que teve inscrições encerradas em 31 de agosto. No total, foram enviados 2.180 livros inéditos, divididos em três categorias: Poesia — Prêmio Helena Kolody (953 obras), Romance — Prêmio Manoel Carlos Karam (655) e Contos — Prêmio Newton Sampaio (572). A novidade deste ano foi uma reformulação no sistema de participação, que passou a ser totalmente online — o que tornou o concurso ainda mais acessível e democrático.

Autores de todos os Estados do Brasil e do Distrito Federal, além de brasileiros residentes em vários países do exterior, enviaram trabalhos. Os Estados com mais participantes são, pela ordem, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O número de inscritos indica um equilíbrio entre escritores jovens e mais velhos: 49% têm até 40 anos, enquan-



Ryan Stevenson

Os escritores Alexandre Vidal Porto e Vanessa Barbara, que ganharam o Prêmio Paraná de Literatura e tiveram suas obras reeditadas comercialmente.

to 51% estão acima dessa faixa etária. Quanto ao gênero dos concorrentes, há um predomínio masculino — 71% de homens contra 29% de mulheres.

Para o diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Rogério Pereira, o grande número de inscrições é uma prova da consolidação do concurso, após a realização de três edições bem-sucedidas. “A expressiva participação confirma a importância dos prêmios literários no cenário nacional. E coloca o Prêmio Paraná entre os mais relevantes concursos do país. A BPP é, com certeza, uma referência para a discussão e divulgação da literatura brasileira”, afirma.

O resultado do concurso será divulgado na primeira quinzena de dezembro. O vencedor de cada categoria receberá R\$ 30 mil e terá sua obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros e poderão reeditar os títulos comercialmente. As obras concorrentes serão avaliadas por uma comissão julgadora formada por um presidente e nove membros (três em cada categoria, a serem anunciados pela BPP ainda neste mês de outubro). ■



Divulgação

EVENTO



Divulgação

O projeto Mesmas Coisas vai encenar "A Serenata", com direção de Nadja Naira.

Biblioteca realiza a sua primeira Festa Literária

DA REDAÇÃO

De 23 a 28 de outubro, a Biblioteca Pública do Paraná realiza a sua primeira Festa Literária. O evento conta com a presença de mais de 20 escritores, que participam de palestras, bate-papos e lançamentos de livros. Haverá exibição de longas-metragens (de adaptações de obras literárias), apresentações musicais, teatrais e oficinas. O homenageado é o escritor Manoel Carlos Karam (1947-2007). O curador da Festa Literária é o escritor e jornalista Marcio Renato dos Santos. Todas as atividades são gratuitas.

A multiplicidade de linguagens, uma das marcas do evento, se evidencia na homenagem a Manoel Carlos Karam, catarinense que se radicou em Curitiba, onde produziu uma obra literária ousada. No dia 27 de outubro, o projeto Mesmas Coisas vai apresentar "A Serenata", com direção de Nadja Naira, montagem inspirada no legado do autor. Atores e atrizes da Cia Teatro do Urubu vão ler textos de Karam durante a semana, de manhã e de tarde, em salas e espaços da BPP. E, no dia 25, às 16h, acontece na Arena BPP, novo espaço no Hall Térreo, um bate-papo e o lançamento de *Experimentais*, livro edi-

tado pelo selo Biblioteca Paraná com adaptações em formato de HQ de obras de Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Jamil Snege e Karam.

Entre os destaques da programação, há uma palestra sobre leitura com Regina Zilberman e um bate-papo com Raimundo Carrero, que celebra os seus 70 anos, respectivamente, nos dias 23 e 25 de outubro, a partir das 19h30, no auditório. O grupo Alma Síria, Guilherme Gontijo Flores (e Pecora Loca) e Aline Morena Trio se apresentam, respectivamente, nos dias 23, 25 e 26 de outubro, ao meio-dia, no hall térreo. Os filmes *Budapeste* e *Hotel Atlântico*,

adaptações de obras de, respectivamente, Chico Buarque e João Gilberto Noll, serão exibidos no auditório — o primeiro no dia 24 de outubro e o segundo na quinta-feira, 26, ambos às 16h30.

O diretor da BPP, Rogério Pereira, observa que esta é a primeira festa literária realizada por uma biblioteca brasileira. "A Biblioteca Pública do Paraná já apresenta uma ampla programação cultural, mas este ano decidimos intensificar as atividades entre 23 e 28 de outubro, período denominado Semana Nacional do Livro e da Biblioteca. Cada vez mais, a BPP se afirma, de fato, como um centro cultural", diz Pereira. O curador da Festa Literária, Marcio Renato dos Santos, acrescenta que o evento reúne nomes do Paraná e de outros Estados, com a finalidade de oferecer ao público uma programação eclética e multicultural: "E vamos celebrar o legado do Karam e os 70 anos do Carrero!".

A programação completa está disponível no site e na redes sociais da BPP. ■



FOTOGRAFIA | WALTER THOMS





CLIQUEUES

EM CURITIBA

 **Walter Thoms** formou-se em fotografia pela Escola Portfolio em 2011, aos 20 anos. Começou a carreira profissional como assistente do fotógrafo Dico Kremer, trabalhou no laboratório Ibiza e atualmente integra os coletivos R.U.A. e Flaneres. As imagens publicadas pelo **Cândido** fazem parte de um processo permanente, em que Thoms perambula pela cidade e se coloca à mercê dos acontecimentos. "Não consigo deixar de sair sem rumo, com a câmera pendurada. Isso é muito valioso, pois existe uma infinidade de possibilidades para se fotografar na rua", diz.



LEMBRANÇA DE RILKE NA CADEIRA DA SALA VAZIA

As rugas do outono,
— oh vaivéns de chumbo — são:
raízes de trevas em vagões de trens esquecidos,
pés selados em sapatilhas de gelo;
vendaval impressionista no deserto de nós,
ah,
como um piano todo espatifado ao longe
a aferir à dor o direito
de ser o Cinza das cinzas,
o orgulho mais obscuro da desolação
os abismos das tardes
onde Debussy sentava-se para compor
o repúdio
& os prelúdios
que nos ensinam a morrer.

 **Fernando Naporano** nasceu em São Paulo e hoje vive na Europa. Trabalhou como jornalista durante 25 anos nas principais revistas e jornais brasileiros (*Folha de S.Paulo*, *Correio Brasiliense*, *O Estado de S.Paulo*, *Interview* e *Bizz*), incluindo também diversas publicações inglesas e americanas. Nos anos 1980, fez parte da banda "Maria Angélica Não Mora Mais Aqui", que lançou três álbuns. É autor de, entre outros livros, *A agonia dos pássaros* (*Demônio Negro*, 2014), *A coerência das águas* (Poética Edições, 2017) e *Detestável liberdade* (Abstract Editions, 2017), os dos últimos lançados em Portugal e Espanha, respectivamente. O poema publicado pelo **Cândido** faz parte da coletânea *A Respiração da Rosa*, que será lançado este mês no Brasil pela editora Córrego.